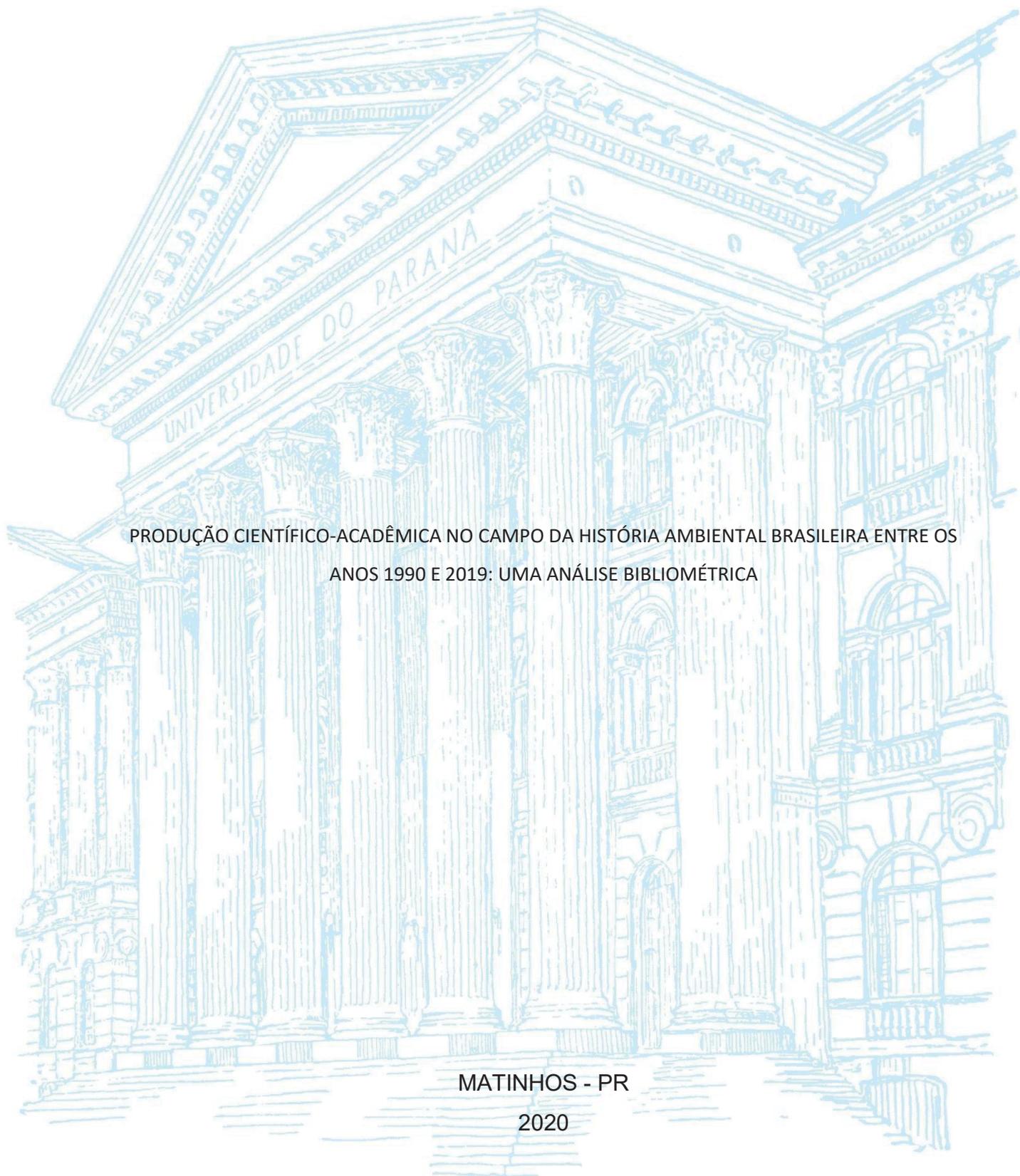


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

PRISCILA FURQUIM INOCENTE



PRODUÇÃO CIENTÍFICO-ACADÊMICA NO CAMPO DA HISTÓRIA AMBIENTAL BRASILEIRA ENTRE OS ANOS 1990 E 2019: UMA ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA

MATINHOS - PR

2020

PRISCILA FURQUIM INOCENTE

PRODUÇÃO CIENTÍFICO-ACADÊMICA NO CAMPO DA HISTÓRIA AMBIENTAL BRASILEIRA ENTRE OS
ANOS 1990 E 2019: UMA ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial sustentável, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Territorial Sustentável.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cinthia Maria Sena Abrahão

MATINHOS - PR

2020



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR LITORAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
DESENVOLVIMENTO
TERRITORIAL SUSTENTÁVEL - 40001016081P3

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL SUSTENTÁVEL da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **PRISCILA FURQUIM INOCENTE** intitulada: **PRODUÇÃO CIENTÍFICO-ACADÊMICA NO CAMPO DA HISTÓRIA AMBIENTAL BRASILEIRA ENTRE OS ANOS 1990 E 2019: UMA ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA**, sob orientação da Profa. Dra. CINTHIA MARIA DE SENA ABRAHÃO, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO** no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

MATINHOS, 21 de Dezembro de 2020.

Assinatura Eletrônica
22/12/2020 13:32:16.0
CINTHIA MARIA DE SENA ABRAHÃO
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
22/12/2020 14:02:18.0
LILIANI MARILIA TIEPOLO
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
22/12/2020 14:19:09.0
LARISSA WARNAVIN
Avaliador Externo (CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL
UNINTER)

Assinatura Eletrônica
22/12/2020 12:28:41.0
ELAINE CRISTINA DE OLIVEIRA MENEZES
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Dedico ao meu filho, não foi por causa dele que comecei, mas certamente foi por amor a ele que terminei.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me deu forças para superar os momentos difíceis e prosseguir na minha jornada.

A minha orientadora Cinthia Maria Sena Abrahão que ao longo desses anos foi mais que uma orientadora, foi uma amiga. Agradeço por acreditar no meu potencial, não desistir de mim e me motivar a continuar mesmo em meio aos contratemplos. Agradeço todo carinho, dedicação, prontidão, paciência e disponibilidade durante esta jornada.

Agradeço as professoras Elaine de Oliveira Menezes, Larissa Warnavin e Liliane Tiepolo, não só por aceitarem compor a banca numa situação atípica, mas acima de tudo por compreenderem a situação e serem tão dispostas a lerem o trabalho e darem suas contribuições.

À Vagna Aparecida da Silva Munhão, querida amiga, que viajou comigo ao litoral muitas vezes, que dividiu comigo vários momentos durante o curso, mas agradeço principalmente por todo apoio e auxílio na reta final, graças a ela que não me deixou desistir em meio a tantas dificuldades de saúde que encontrei ao longo da jornada, que cheguei até aqui.

Agradeço a minha mãe Sonia Teresinha Ferreira Lima, que deixou o conforto da sua casa e veio ficar comigo para me ajudar com meu filho Lauro Furquim Inocente, recém-nascido, para que eu pudesse dar conta de escrever a dissertação.

Ao meu esposo Ezequiel Inocente, que soube compreender minhas dificuldades e minhas ansiedades, sabendo pacientemente, me ajudar e apoiar durante toda a jornada do mestrado, mas principalmente na produção do trabalho.

E a todas as demais pessoas que direta ou indiretamente contribuíram com esta pesquisa.

Não há no mundo exagero mais belo que a gratidão.

Jean de La Bruyère

RESUMO

A pesquisa que deu origem a esta dissertação reconhece a história ambiental como uma proposição de investigação que tem como ponto de partida a área de História, ao mesmo tempo que rompe seus limites disciplinares. Possui pensadores expoentes no meio acadêmico brasileiro, o que justifica problematizar como essa perspectiva historiográfica tem se difundido. O objetivo geral estabelecido envolveu analisar de que forma a história ambiental, como uma proposição interdisciplinar, tem sido apropriada pela produção da comunidade científica brasileira. O caminho metodológico utilizado abarcou o uso da bibliometria, associado à análise de conteúdo, considerando o recorte temporal a partir da década de 1990 até 2019. Em termos de resultados, observou-se que está no âmbito da História a maior concentração de produção acadêmica de dissertações, teses e artigos, seguido das Ciências Ambientais. Verifica-se, todavia, que ainda persiste como um campo do saber em amadurecimento, tendo em vista o volume de produção.

Palavras chaves: Bibliometria; historiografia; comunidade científica; Brasil.

ABSTRACT

The research that gave rise to this dissertation recognizes environmental history as a research proposition that has as its starting point the area of History, while breaking its disciplinary limits. It has exponent thinkers in the Brazilian academic environment, which justifies problematizing how this historiographical perspective has spread. The general objective established involved analyzing how environmental history, as an interdisciplinary proposition, has been appropriated by the production of the Brazilian scientific community. The methodological path used includes the use of bibliometry, associated with content analysis, considering the time frame from the 1990s to 2019. In terms of results, it was observed that the highest concentration of academic production of dissertations, theses and articles is in the scope of history, followed by environmental sciences. However, it is still a field of maturing knowledge, in view of the volume of production.

Key Words: Bibliometrics; historiography; scientific community; Brazil.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Conferências Internacionais do Meio Ambiente	21
QUADRO 2 - Cruzamentos realizados no Excel – planilhas por base e unificada	39
QUADRO 3 - Trabalhos da Unicamp por área de conhecimento	49
QUADRO 4 - Relação de orientadores (duas ou mais orientações) e quantidades de dissertações e teses orientadas, relacionadas à história ambiental, conforme a área de concentração da CAPES.....	49

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Nuvem de palavras: Resumos BDTD.....	42
Figura 2: Nuvem de palavras: Palavras – chaves BDTD.....	43
Figura 3: Nuvem de palavras: Palavras – chaves Scielo CrossRef.....	50
Figura 4: Nuvem de palavras: Resumos Scielo CrossRef.....	51
Figura 5: Palavras-chave - planilha unificada.....	58
Figura 6: Resumos - planilha unificada	59

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição do quantitativo geral de produção de teses e dissertações, relacionadas à história ambiental por ano entre 1990 e 2019	44
Gráfico 2: Distribuição de teses e dissertações relacionadas à história, por ano entre 1990 e 2019	45
Gráfico 3: Distribuição da publicação de Dissertações e Teses, relacionadas à história ambiental, por Área de concentração entre 1990 e 2019	46
Gráfico 4: Principais áreas de publicação de teses e dissertações relacionadas a história ambiental entre 1990 e 2019.	46
Gráfico 5 -Distribuição e participação de cada instituição de ensino nas publicações de dissertações e teses, relacionadas à história ambiental, entre 1990 e 2019.	48
Gráfico 6: Participação das instituições de ensino nas publicações de teses dissertações relacionadas a história ambiental entre 1990 e 2019.	48
Gráfico 7: Publicação de artigos, resenhas de livros e Livros indexados à Base Scielo, relacionados à história ambiental, entre 1990 e 2019.	52
Gráfico 8: Publicações de artigos, resenhas de livros e livros indexados à base Scielo, relacionados à história ambiental, entre 1990 e 2019 por periódico.	53
Gráfico 9: Principais periódicos indexados à base Scielo com publicações de artigos e resenhas de livros, relacionados à história ambiental, entre 1990 e 2019.	54
Gráfico 10: Publicação de artigos e resenhas de livros, relacionados à história ambiental, por área de conhecimento do período.	54
Gráfico 11: Participação percentual das áreas de publicação de artigos, resenhas de livros e livros, relacionados à história ambiental, indexados à base Scielo.	55 56
Gráfico 12: Participação dos principais autores em publicações, relacionados à história ambiental, identificadas entre 1990 e 2019 na base Scielo para artigos, resenhas de livros e livros.	58
Gráfico 13: Volume de publicações relacionadas à história ambiental no Brasil entre 1990 e 2019.	58
Gráfico 14: Distribuição das publicações relacionadas à história ambiental entre 1990 e 2019.	

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I: O PERCURSO HISTÓRICO DA HISTÓRIA AMBIENTAL	13
1.1 O estudo da história ambiental como ciência	14
1.2 A história ambiental como um campo da história e como um caminho para o diálogo interdisciplinar	17
1.3 As Conferências Internacionais como marcos históricos no debate ambiental ...	19
1.4 A história ambiental: cenário internacional e a influência das conferências internacionais	23
1.5 A história ambiental no cenário nacional	29
CAPÍTULO II: PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	34
2.1 Procedimentos de geração de dados na base BDTD	36
2.2 Procedimentos de geração de dados na Base SCIELO (<i>Scientific Electronic Library Online</i>).....	37
2.3. Tratamento dos Dados	38
2.3.1 Utilização do Software <i>Microsoft Excel</i>	38
2.3.2 Produção de Nuvem de Palavras	39
2.3.3 Extração de dados qualitativa	40
CAPÍTULO III: PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM HISTÓRIA AMBIENTAL ENTRE OS ANOS 1990 E 2019 – ANÁLISE DOS RESULTADOS DAS BASES BDTD, SCIELO E UNIFICADA	41
3.1. Análise dos dados da Base BDTD.	41
3.2. Análise dos dados da Base SCIELO CrossRef	50
3.3. Análise Unificada: bases BDTD e SCIELO CrossRef.....	56
3.3.1 Análise Unificada Quantitativa.....	56
3.3.2 Análise unificada: qualitativa	59
3.3.2.1 Teses.....	60
3.3.2.2 Dissertações.....	61
3.3.2.3 Artigos	62
APONTAMENTOS FINAIS	63
REFERÊNCIAS	66

INTRODUÇÃO

A abordagem científica relacionada às interações entre seres humanos e natureza tem sido objeto de pesquisa de diversas ciências, com abordagens distintas e metodologias variadas. A ideia de uma história ambiental, por sua vez, surgiu na década de 1970, associada às conferências sobre a crise global e ao crescimento dos movimentos ambientalistas entre os cidadãos de vários países, principalmente nos Estados Unidos e na Europa. Conforme Pott e Estrela (2017), passando pela década de 1970 e chegando ao final dos anos 1990, houve muitos acordos, convenções e leis, que surgiram com a finalidade de tornar o desenvolvimento econômico menos impactante ao meio ambiente e à própria humanidade.

No Brasil, a abordagem de temáticas que envolvam sociedade e meio ambiente não é recente, permitindo destacar nomes de autores clássicos como Euclides da Cunha e tantos outros. Já o empreendimento de tornar a história ambiental um campo de pesquisa¹ da ciência História, este sim, possui uma trajetória recente. As contribuições de dois historiadores são particularmente relevantes nesse caminho, José Augusto Drumond e José Augusto de Pádua.

Justamente daí advém a indagação que moveu esta pesquisa que buscou compreender em que medida esta perspectiva historiográfica tem sido apropriada pela produção científica brasileira recente, de modo a constituir um campo de pesquisa interdisciplinar.

Complementares ao problema principal estão os seguintes:

- 1) Os pesquisadores da área de história são aqueles que têm capitaneado esta proposição de pesquisa interdisciplinar que alia história às ciências naturais?
- 2) Quais são as áreas de pesquisa, os pesquisadores e as instituições que têm se apropriado e desenvolvido produção científica tendo em vista o conceito e a metodologia da história ambiental?

¹ O termo campo de pesquisa é utilizado nesta pesquisa no sentido a ele atribuído pelo sociólogo Pierre Bourdieu, como uma proposição que parte de intelectuais da História e busca assumir autonomia relativa (BOURDIEU, 1983)

- 3) Em que medida as características identificadas por Drummond (1991), no início da década de 1990, têm se apresentado nos trabalhos científicos que se associam ao conceito história ambiental?
- 4) De que modo as conferências ambientais internacionais influenciaram a produção científica brasileira?

A partir desse processo de problematização foram desenhados os objetivos norteadores da pesquisa. O objetivo geral envolveu analisar de que forma a história ambiental, como uma proposição interdisciplinar, tem sido apropriada pela produção da comunidade científica brasileira. Já os objetivos específicos se desdobram em: Identificar em que medida a área de História (Ciências Humanas) tem capitaneado a produção em história ambiental no Brasil, bem como que outras áreas da ciência estão adotando o conceito e a proposição metodológica de investigação; compreender, em abordagem longitudinal, desde a década de 1990, as perspectivas adotadas pelas pesquisas relativas a história ambiental no Brasil em termos de foco, recorte temático, utilização de fontes e estratégias de coleta de dados. Por fim, avaliar em que medida as produções científicas brasileiras estão correlacionadas às grandes questões que emergem das Conferências internacionais do meio ambiente que ocorreram no interregno analisado.

O atendimento dos objetivos foi atingido por meio de duas estratégias metodológicas articuladas, a adoção do método bibliométrico e a análise de conteúdo a partir das categorias advindas da fundamentação teórica. Além dos indicadores tradicionais da bibliometria que permitem identificação da distribuição da produção científica por origem, autores, ano de publicação, foram destacadas as cinco características da pesquisa em história ambiental, sistematizadas por José Drummond (1991).

A primeira característica de Drummond (1991) se relaciona com a história natural: as análises em sua maioria têm como foco uma região com homogeneidade ou identidade natural, sendo assim, o estudo da história ambiental está relacionada com a história natural; a segunda dialoga com a maioria das ciências naturais, trabalhando dessa forma com a interdisciplinaridade; a terceira explora as interações entre os quadros de recursos úteis e inúteis e os diferentes estilos civilizatórios das sociedades humanas, levando em consideração os recursos necessários para a economia; a quarta está ligada as fontes utilizadas pelo pesquisador, sendo feita a análise de

fontes escritas e não escritas; a quinta e última característica analítica está relacionada ao trabalho de campo, uma vez que através da observação o pesquisador consegue perfilar as mudanças físicas no ambiente deixadas pela ação humana.

Importante destacar que as pesquisas definidas como bibliométricas, também denominadas como “estado da arte” ou “estado do conhecimento”, possuem um desafio comum entre elas, o de mapear e discutir produções acadêmicas nos mais diversos campos do conhecimento. Elas buscam responder quais aspectos e dimensões vêm se destacando em diferente épocas e lugares. Também são conhecidas por possibilitarem uma abordagem descritiva da produção acadêmica e científica sobre o tema pesquisado².

São envolvidos nesse tipo de pesquisa, os aspectos quantitativos da produção, disseminação e uso da informação registrada; desenvolvimento de padrões e modelos matemáticos para medir esses processos, usando seus resultados para elaborar previsões e apoiar a tomada de decisão. (BERNARDINO; CAVALCANTE, 2011, p. 251). Nas pesquisas de caráter bibliométrico a obtenção dos dados se dá através de palavras ou temas chaves, bem como autores e classificações. Dependendo da finalidade do estudo bibliométrico, pode-se atingir resultados para um vasto campo de estudo ou dado bem específico. Isso dependerá das intenções e interesses do pesquisador.

As métricas e os indicadores utilizados, aliados a diversas bases de dados, são ferramentas muito úteis para o desenvolvimento de estudos bibliométricos. As ferramentas mais comuns, usadas atualmente, são a *Web of Science*, a *Scopus* e o *Google Scholar Metrics*. Tais plataformas abrangem uma gama variada de dados e usam métricas distintas (COSTA; LOPES; AMANTE; LOPES, 2012)³.

² Basicamente, três leis apoiam o processo de realização da análise bibliométrica: Lei de Lotka (relacionada a produtividade científica de autores), Lei de Bradford (relacionada a produtividade de periódicos) e a Lei de Zipf (relacionada a frequência de palavras).

³ Segundo Archambault (2009), a *Web of Science* (WoS) da Thompson Reuters foi durante mais de quarenta anos a maior base de dados bibliométrica, além de ser uma das bases de dados mais importante no que tange às revistas científicas. Essa base de dados é multidisciplinar, sendo atualizada semanalmente. A *Scopus*, por sua vez, foi projetada como um índice de citações, mas inclui citações de artigos desde 1996. Ela tem como intenção a pesquisa por autor e assunto. Ela procura ter uma cobertura detalhada desde 1996 até a atualidade (COSTA; LOPES; AMANTE; LOPES, 2012). *Google Scholar Metrics*, ou *Google Acadêmico*, foi criado em 2004, porém só passou a publicar em língua portuguesa no ano de 2016. O GSM é uma ferramenta que oferece aos autores uma maneira fácil de avaliar rapidamente a visibilidade e a influência de artigos e revistas científicas, obtidos através de uma contagem de citações. Atualmente, o GSM cobre artigos publicados entre 2014 e 2018.

Mediante a proposição desta pesquisa foram consideradas fontes prioritárias as que são registradas nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD⁴), abrangendo o período de 1990 a 2019. Os acessos à essas bases de dados foram realizados por meio das plataformas eletrônicas, acessado por meio do Portal da Informação do SiBi / UFPR via Portal da Capes.

Isso posto, a dissertação ora apresentada está organizada em 5 seções, incluindo esta introdução. No primeiro capítulo é realizada contextualização teórica acerca da história ambiental, destacando seu início, apontando os maiores estudiosos do tema e principais enfoques teóricos. O segundo capítulo apresenta o percurso metodológico que subsidia a coleta e tratamento de dados. Em continuidade, o terceiro capítulo contempla a interpretação dos resultados, segmentados por bases de dados e, posteriormente, consolida e realiza cruzamentos de ambas as bases utilizadas. Por fim, os apontamentos finais possibilitam retomar o diálogo com a baseteórica e realizar as reflexões que remontam à problemática de pesquisa.

⁴ Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) é um modelo de interoperabilidade entre bibliotecas e repositórios digitais, possibilitando alternativas para a comunicação científica, com consolidar o registro e a disseminação da produção científica brasileira, assim como do acesso à informação científica. Disponível em <https://bdtb.ibict.br>.

CAPÍTULO I

O PERCURSO HISTÓRICO DA HISTÓRIA AMBIENTAL

A História Ambiental tem sua origem na década de 70, e, conforme Sedrez (2012) fruto dos movimentos ambientais realizados após Segunda Guerra Mundial. Por meio desses estudos, foi instituída a American Society of Environmental History nos Estados Unidos da América, tendo como um dos primeiros autores a utilizar o termo História Ambiental, o historiador Roderick Nasch, na década de 1960. Para Woster (1991), o nascimento deste campo investigativo se deu numa época de reavaliação e reforma cultural, em escala mundial.

As mudanças ocorridas no século XX influenciaram o surgimento desta linha histórica, uma vez que levaram historiadores a repensarem o campo de estudo ambiental, articulando a perspectiva historiográfica às temáticas ambientais. De acordo com José Pádua (2002), três foram as mudanças relevantes: a noção de que o ser humano pode causar a degradação através dos impactos de seu modo de vida sobre os ecossistemas, a ampliação dos marcos cronológicos da terra para bilhões de anos e a percepção da natureza como um agente histórico. Woster (1991, p. 199) aponta que [...]

[...] a história ambiental nasceu, portanto de um objetivo moral, tendo por trás fortes compromissos políticos, mas, à medida que amadureceu, transformou-se também num empreendimento acadêmico que não tinha uma simples ou única agenda moral ou política para promover.

O objetivo principal da história ambiental, neste contexto, corroborando com Woster (1991), é aprofundar o entendimento sobre como os seres humanos foram afetados pelo seu ambiente natural e, inversamente, como eles afetaram esse ambiente.

1.1 O estudo da história ambiental como ciência

A história ambiental propõe-se como novo campo dentro das pesquisas em História, cuja abordagem envolve o diálogo interdisciplinar. Seu foco é compreender os acontecimentos do passado, sob o ponto de vista de como o meio ambiente foi moldado através das relações do homem com a natureza. Sua principal meta é a compreensão de como os seres humanos foram, através do tempo, afetados pelo seu ambiente natural e inversamente, como e com que consequências afetaram esse ambiente.

Segundo Woster (1991) a história ambiental atua em três níveis, são eles:

Primeiro – Trata da natureza propriamente dita.

Segundo- aborda o domínio socioeconômico.

Terceiro – enfoca as representações sociais relacionadas ao mundo natural.

Drummond (1991) complementa o pensamento de Woster (1991), sistematizando cinco características analíticas da história ambiental: a primeira se relaciona com a história natural: as análises em sua maioria têm como foco uma região com homogeneidade ou identidade natural, sendo assim, o estudo da história ambiental está relacionado à história natural, conforme Drummond (1991, p. 181),

o vale de um rio, uma ilha, um trecho de terras florestadas, um litoral, a área de ocorrência natural, de uma árvore de alto valor comercial e assim por diante. Isso revela um parentesco com a história natural, que via de regra prospera melhor em cenários fisicamente circunscritos

A história ambiental pode também estar relacionada a um recorte cultural ou político, levando em consideração as particularidades físicas e ecológicas. Para Drummond (1991), a história ambiental, também está ligada à história regional, pois leva em consideração os processos sociais (e naturais) geograficamente circunscritos.

A segunda característica dialoga com a maioria das ciências naturais: Os historiadores ambientais dependem dos estudos das ciências naturais, desta forma trabalham articulados a elas. Além de aliadas, muitas vezes se tornam parte do próprio objeto de estudo, partindo das manifestações culturais que permitirão ampliar a compreensão dos padrões aplicados na utilização dos recursos naturais. Ainda, Drummond (1991, p. 182) indica que:

[...] usam textos básicos e avançados de geologia (inclusive solos e hidrologia), geomorfologia, climatologia, meteorologia, biologia vegetal e animal e ecologia (a ciência da interação entre os seres vivos e entre eles e os elementos inertes do ambiente). A agronomia e as engenharias florestal e de minas são três outros campos muitas vezes citados nos estudos de história ambiental

A terceira explora as interações entre os quadros de recursos úteis e inúteis e os diferentes estilos civilizatórios das sociedades humanas. O pressuposto e ponto de partida é o entendimento de que ao se fixar em um território, uma sociedade busca os recursos necessários para a movimentação da sua economia. Esta premissa é possível ser visualizada em alguns exemplos, que remontam à história antiga.

O primeiro diz respeito aos egípcios ao fixarem-se às margens do rio Nilo o utilizaram como recurso econômico. As cheias do Nilo, por sua vez, permitiam obter o húmus que, tornando a terra fértil facilitava a agricultura, e otimizava a base econômica egípcia. Conforme Fonseca (2004), o rio também era meio de transporte, ligando o Alto e o Baixo Egito.

Ainda nessa linha de revisitação da história antiga, no caso do povo hebreu⁵, por exemplo, a importância maior era o território, ter como recurso natural pastagens, uma vez que a domesticação de animais estava ligada à sua base econômica. Para muitos povos sem animais, as pastagens como recurso natural, seriam pouco importantes, porém para os hebreus as pastagens eram cruciais (ORNELAS, 2006).

Outro exemplo de utilização dos recursos naturais, levando em consideração as características civilizatórias é o interesse nos recursos minerais brasileiros, que não tinham importância comercial para os povos indígenas, todavia, para os colonizadores europeus eram altamente valorizados (DRUMMOND, 1991). Sabendo das distintas atribuições de valor por parte dos indígenas e colonizadores, historiadores ambientais estudam o papel da cultura nos usos dos recursos:

afinal, os recursos só se tornam recursos quando culturalmente identificados e avaliados. Não existem recursos naturais *per se*. Os recursos não se impõem unilateralmente à cultura, embora possam vetar alguns caminhos e estimular outros (DRUMMOND, 1991, p. 182).

⁵ Povos que habitavam a conturbada península arábica, há mais ou menos 2.700 anos atrás. Todos eram guerreiros e invasores lutando pela sobrevivência, por assim dizer. Porém, durante algum tempo, não estavam preocupados em fixar morada em um lugar, eram nômades e excelentes pastores, viviam basicamente da criação de animais e comércio dos produtos derivados dos animais, diferentemente dos outros povos que na maioria eram agricultores e artesãos (ORNELAS, 2006, p. 34.).

A quarta característica está ligada a grande variedade de fontes apropriadas para o estudo das relações entre sociedade e ambiente: Ao fazer uma análise para a história ambiental, o historiador se utiliza de fontes escritas e não escritas. São utilizados os variados tipos de documentos, tais como: censos, leis, atas, cartas, relatos de exploradores e até mesmo mitos e lendas. Por meio deles, é possível identificar as tecnologias utilizadas para extração dos recursos locais, definir a importância destes para a sociedade local, e ainda estabelecer se os recursos são naturais do local estudado ou não.

Os historiadores ambientais utilizam também memórias, diários, inventários de bens, escrituras de compra e venda de terras, testamentos. Usam descrições de dietas, roupas, moradias, materiais de construção, mobiliário, ferramentas, e técnicas produtivas, estudos sobre epidemias, e doenças, projetos e memoriais descritivos de obras (estradas, ferrovias e portos), listas de bens comercializados, romances, desenhos, pinturas – tudo enfim que permita ver (a) quais recursos naturais são locais e quais são importados, (b) como eles são valorizados no cotidiano das sociedades e (c) que tecnologias existem para o seu aproveitamento (DRUMMOND, 1991, p. 182).

A quinta característica analítica está diretamente relacionada ao trabalho de campo. Visitar o local estudado é um procedimento comum adotado nas pesquisas históricas, uma vez que por meio da observação local, juntamente com a análise material, é possível perfilar as mudanças físicas no ambiente deixadas pela passagem humana, marcas essas que muitas vezes não estão descritas nos documentos. Evidentemente, que aliado a isso, os historiadores ambientais frequentemente realizam entrevistas com moradores antigos, consultam arquivos e bibliotecas locais.

Um historiador ou cientista social com um olhar minimamente treinado pode, por exemplo, distinguir (a) uma floresta nativa madura de (b) uma floresta secundária (capoeira) renascida depois de um desmatamento total, ou de (c) uma floresta apenas parcialmente derrubada ou, ainda, de (d) um reflorestamento. Cada tipo de floresta indica usos humanos distintos, recentes ou remotos, com antecedentes e consequentes ambientais relevantes (DRUMMOND, 1991, p. 184).

Através desta análise, o historiador pode identificar, por exemplo, a dimensão das alterações, os impactos e consequência da exploração humana em cada local. Essas observações são fortes aliadas à análise documental. Desta forma, é possível dizer que o estudo da história ambiental é interdisciplinar, uma vez que busca analisar

interação entre sociedade e natureza, se utilizando dos mais diversos campos de pesquisa.

No geral, a pesquisa acadêmica e científica em história ambiental encontra-se em processo de expansão e amadurecimento, podendo dessa forma ter um refinamento em seus métodos. Drummond (1991) sugere que os pesquisadores da história ambiental retomem temas como os ciclos econômicos brasileiros e que, através deles analisem suas possíveis interligações. Ainda que identifiquem os tipos de sociedades que se formaram em torno dos diferentes recursos naturais, as consequências deixadas por elas através da exploração do ambiente, e, como essas consequências interferiram no sustento de outras sociedades. “A história ambiental pode dar uma contribuição decisiva para entendermos o nosso passado e o nosso presente de país rico em recursos naturais e assolados por dívidas sociais” (DRUMMOND, 1991, p. 195).

No período recente do desenvolvimento capitalista, o crescimento tecnológico foi surpreendente, não houve nenhum outro momento histórico no qual tenham sido realizadas tantas descobertas em todos os campos da ciência, gerando principalmente uma substantiva capacidade de produção, além do controle de elementos naturais. Por outro lado, este também, foi o período com maior poluição ambiental (WOSTER, 1991).

No entanto, em que pese haver avanços em termos de soluções ambientais e novas bases tecnológicas alternativas e de menor grau de impacto, grande parte dos problemas estruturais do sistema produtivo persistem sem solução, como o consumo de matéria prima e o lançamento de poluentes afetando o meio ambiente. Visando amenizar tais prejuízos, neste período, surgiram valiosos debates com o objetivo de encontrar alternativas que diminuíssem os efeitos da devastação ambiental (WOOD, 2001).

1.2 A história ambiental como um campo da história e como um caminho para o diálogo interdisciplinar

Ao longo do século XX, mais especificamente entre as duas grandes guerras mundiais, alguns historiadores formularam uma nova maneira de se escrever a história, até então a história escrita tinha como característica a chamada história

intelectual, que era a forma de contar a história através dos documentos escritos. Segundo Chartier,

[...] o social não poderia de modo nenhum, dissolver-se nas ideologias que têm por interesse moldá-lo [...] Lucien Febvre indicava o caminho a seguir para uma análise histórica que tomaria por modelo as descrições dos factos de mentalidades tais como os construíam então os sociólogos durkheimianos ou e os etnólogos que trabalhavam na esteira de Lévy-Bruhl. (CHARTIER, 2002, pág. 34).

Marc Bloch (1886 – 1944)⁶ e Lucien Febvre (1878 – 1956)⁷, criadores da *escola dos Annales*⁸, desde 1929, já vinham chamando a atenção para os fundamentos ambientais da sociedade. Na década de 1960, os historiadores ligados à revista de *Annales*, com o aumento dos movimentos sociais, tiveram suas atenções voltadas, novamente, para as questões ambientais (PÁDUA, 2002).

Conforme Pádua (2002), já em 1974, Emmanuel Le Roy Ladurie havia redigido um prefácio para a revista de *Annales*, no qual abordava a história ambiental com o título “Histoire of Environment”, descrevendo este campo de estudo como sendo aquele que reúne temas antigos e recentes. Ainda, conforme o referido autor, a história ambiental, por se tratar de um campo proposto a partir da história, traz consigo uma narrativa própria dos fatos, ao levar em consideração as experiências e acontecimentos passados, tornando possível entender a situação presente, buscando estimular um futuro positivo, ou alertar situações catastróficas. Pádua (2010, p. 12) afirma que “o acontecer da vida social, na vida vivida que a história procura imperfeitamente reconstruir, todos esses elementos se encontram profundamente unidos e mesclados na experiência coletiva.”

Em termos bem simples, a matéria-prima da história ambiental está disponível há muito tempo, o que os historiadores têm feito é reorganizar essas informações dentro deste novo campo de estudos. Desta forma, ela irá tratar do papel e do lugar da natureza na vida humana (PÁDUA, 2002). Para Worster (1991), todavia, esse movimento da história ligado a questão ambiental propicia um diálogo entre as grandes áreas da história (cultural, social e política) com a temática ecológica. O que,

⁶ Historiador francês, contribuiu para a criação da escola dos *Annales*. Para muitos historiadores, Bloch e Febvre são os precursores da chamada História das Mentalidades.

⁷ Historiador francês, em parceria com Marc Bloch contribuiu para a criação da escola dos *Annales*, se tornando o co-fundador.

⁸ Movimento historiográfico do século XX que se consolidou na revista francesa *Annales d'histoire économique et sociale*.

por sua vez, lança bases para um olhar interdisciplinar ou para a contribuição científica da histórica à construção das ciências interdisciplinares.

Por vezes se dá um recorte cultural ou político à região estudada, mas sem esquecer as suas particularidades físicas e ecológicas: um parque nacional, a área de influência de uma obra (ferrovia, projetos de irrigação, represas etc.), as terras de povos nativos invadidas por migrantes europeus etc. Com essa ênfase em áreas específicas, a história ambiental revela ligação também com a história regional, pois focaliza processos sociais (e naturais) geograficamente circunscritos, embora tipicamente os limites dessas áreas sejam naturais, e não sociais ou políticos (WORSTER, 1991, p. 5).

A reconstrução histórica sobre a evolução somente será possível através de documentos históricos e os vestígios humanos deixados. Os modelos explicativos para a história da natureza, em particular, o evolucionismo parte de afirmações empíricas⁹, uma vez que seus elementos básicos estão fora do âmbito científico, sendo de natureza conceitual religiosa, metafísica e filosófica.

1.3 As Conferências Internacionais como marcos históricos no debate ambiental

A partir do final do século XX com a denomina “crise ambiental”, que envolve as mudanças climáticas, destruição de florestas, desastres ambientais, diminuição da biodiversidade, exaustão dos solos e contaminação das águas; a questão ambiental passou a ser objeto de negociações internacionais, principalmente no âmbito da ONU (Organização das Nações Unidas).

A preocupação com o impacto predatório do homem sobre a natureza ganhou proeminência na década de 1960. A partir dessa época, a ONU, passou a criar fóruns de negociação internacional, com as conferências mundiais e um expressivo número de encontros, reuniões, congressos e conferências menores. Dentre estes encontros

⁹ Nem tudo que ocorre no âmbito pessoal (subjetivo) da realidade pode ser compreendido através desse método, mas nem por isso se coloca em dúvida existência desse aspecto da realidade, da mesma forma como não se nutre qualquer tipo de dúvida quanto aos aspectos da realidade que podem ser atingidos por métodos científicos (JUNKER; SCHERER, 2002, p.12)

se destacam as conferências para o meio ambiente ocorridas nos anos de 1972 (Estocolmo), 1992 (Eco-92), 2002 (Rio+10) e 2012 (Rio+20).

Em que pese apresentarem características distintas, essas conferências se enquadram em um cenário de cooperação internacional para solucionar problemas comuns. Os acordos resultantes delas são de carácter político, em torno de uma conduta ética e moral. Em geral, as negociações produzem narrativas, conceitos e valores que se tornam importantes instrumentos de poder na realidade social.

Desde os temas mais gerais ao destaque para mudanças climáticas, soberania alimentar e a discussão acerca dos modelos de desenvolvimento, as pautas das conferências foram delineando os elementos mais preocupantes e provocativos para a comunidade internacional. Entende-se que o cenário consolidado por meio das conferências e seus produtos exerceram influência relevante no curso da edificação da história ambiental como um campo da ciência. O Quadro 1 apresenta uma síntese das quatro principais conferências internacionais do meio ambiente realizadas pela ONU.

Quadro 1: Conferências Internacionais do Meio Ambiente

Conferência	Ano	Temática	Objetivo	Deliberações
Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano – Conferência de Estocolmo	1972	Discutir questões ambientais de maneira global.	Discutir mudanças climáticas; debater soluções para redução dos desastres naturais; elaborar bases do desenvolvimento sustentável; limitar a utilização de pesticidas na agricultura; reduzir a quantidade de metais pesados lançados na natureza;	Elaboração do documento “Declaração sobre o meio ambiente Humano”, que determinou, entre outros pontos: Descarte correto de substâncias tóxicas; medidas contra a poluição; medidas para assegurar a melhoria da qualidade de vida; assistência financeira e tecnológica para os países em desenvolvimento; gestão dos recursos naturais em benefício da população; Investimento em educação e pesquisa;
Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento – Eco 92	1992	Problemas ambientais e o desenvolvimento sustentável.	Debater sobre questões ambientais como: o efeito estufa; desmatamento; contaminação das águas.	Foram determinados princípios básicos sobre o desenvolvimento sustentável; redigida a Carta da Terra (que foi ratificada apenas em 2000) Criada a Agenda 21;

Cúpula sobre Desenvolvimento Sustentável – Rio+10	2002	Retomar os acordos estabelecidos na Eco 92.	Avaliar o progresso dos acordos estabelecidos na Eco 92, a partir da Agenda 21; Meios de alcançar os objetivos definidos nos debates, que eram: uso da água, desenvolvimento sustentável, erradicação da pobreza e o manejo dos recursos naturais.	Produção da Declaração de Joanesburgo ¹⁰ .
Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável – Rio+20	2012	Desenvolvimento sustentável, economia verde, inclusão social e pobreza.	Fortalecer e assegurar o desenvolvimento sustentável entre os países envolvidos.	Foram firmados compromissos da ordem de 513 bilhões de dólares, entre projetos principais e demais parcerias, além de programas de ações para mais 10 anos nas áreas de transporte, energia, economia verde, redução de desastres e proteção ambiental, desertificação, mudanças climáticas e aqueles relacionados diretamente ao desenvolvimento sustentável, bem como 705 compromissos extra-oficiais de iniciativa de governos, empresas, grupos da sociedade civil e universidades.

Fonte: FERRARI (2014).

¹⁰ O documento reafirmava o compromisso com as metas da Agenda 21.

1.4 A história ambiental: cenário internacional e a influência das conferências internacionais

O meio ambiente pensado pela História Ambiental é um objeto multifacetado, posto que resulta da visão, interpretação e do olhar para a relação entre sociedade e natureza. Nessa perspectiva, é proeminente o pensamento de Warren Dean, brasileiro norte-americano, que a partir de suas vivências nos movimentos sociais nos Estados Unidos nas décadas de 1950 e 1960, se preocupou em compreender e explicar a América Latina, em particular o Brasil (OLIVEIRA, 2013). Optou pela América Latina, pois,

[...] com sua trajetória de vida pessoal e afinidade com os ideais reformistas daquela época. Como ele mesmo afirmou, sua decisão teve motivação na: “fascinação que os movimentos sociais em curso no sul do continente exerciam naqueles dias do início dos anos 60, principalmente a Revolução Cubana (OLIVEIRA, 2013, p. 36).

Articulada aos movimentos sociais trazidos pelo século XX, a problemática ecológica assumiu novo papel e visibilidade. O movimento ambiental, propiciou as críticas direcionadas ao modelo de sociedade da “Revolução Industrial”. Nesse contexto, por meio de seus estudos, W. Dean propôs a aproximação da história, ciência política e a questão ecológica.

Corroboram para explicitação do novo contexto, marcado desde o último quartel do século XX, a realização da Conferência de Estocolmo (1972), que reuniu os chefes de Estado com o intuito de debater questões pertinentes relacionadas ao meio ambiente, numa tentativa de identificar o problema uma vez que, [...]

[...] nos países em via de desenvolvimento, os problemas ambientais são na sua maioria causados pelo subdesenvolvimento[...]. Nos países industrializados, os problemas do meio ambiente estão geralmente ligados à industrialização e ao desenvolvimento de técnicas (ONU, 1972, p. 1).

Além da conferência de Estocolmo, destaca-se a Conferência Mundial do Meio Ambiente no Rio de Janeiro, também conhecida como Rio-92 ou Eco-92. Sobre ela, Peter Burke (1992) afirmou que o movimento ecológico teria cada vez mais influência sobre a história escrita.

De fato, com o crescimento e maior visibilidade política dos movimentos ambientalistas desse período em diante, a historiografia desenvolveu uma atenção especial aos fatores ambientais e suas relações com a história humana, influenciando historiadores nos Estados Unidos desde a década de 1970 o que levou [...]

[...] a ideia de uma história ambiental a surgir na década de 1970, já que, à medida que se sucediam conferências sobre a crise global, cresciam os movimentos ambientalistas entre os cidadãos de vários países. Em outras palavras, ela nasceu numa época de reavaliação e reforma cultural, em escala mundial (WOSTER, 1991, p. 199).

Segundo Oliveira (2014), a mensagem presente nos anos 1970 era de que a catástrofe ambiental só poderia ser evitada através de mudanças fundamentais nos valores e instituições das sociedades industriais.

No alvorecer da década de 70, vários movimentos sociais aclamavam a população estadunidense. “O novo ambientalismo, que havia se fortalecido com o espírito de protesto e com os eventos da contracultura da década anterior, tornava-se um movimento de massa nos Estados Unidos” (OLIVEIRA, 2014, p.3)

Além das ruas, ocupava outros espaços públicos, como os meios de comunicação, escolas e universidades. Rapidamente convertia-se num movimento político e acadêmico. Para muitos americanos já não era mais possível pensar em qualidade de vida sem levar em consideração a chamada “questão ambiental” (OLIVEIRA, 2014, p.3)

Essas preocupações propiciaram o surgimento de campos de estudo na área ambiental. Warren Dean, por exemplo, fez parte de um desses grupos em Nova York, o fórum de debates intitulado *Seminar Brazil*, que funcionava na Universidade de Columbia. Como resultado desses debates surgiram várias pesquisas voltadas para a área ambiental. Segundo Drummond, em 1976 foi criada, pelo historiador John Opie, a revista *Environmental Review* (recentemente rebatizada como *Environmental History Review*) através da Associação Norte Americana de História Ambiental. Ela surgiu com um periódico trimestral que busca compreender a experiência humana com o meio ambiente (DRUMMOND, 1976).

Já a história ambiental, conforme praticada hoje em dia em alguns países como os EUA, França e Inglaterra, resulta de um projeto “reformista” de alguns historiadores (DRUMMOND, 1991). Um dos historiadores de maior projeção relacionado a história ambiental é o norte americano Donald Worster. Autor de obras relevantes como

Nature's economy – a history of ecological ideas, publicado em 1977, *Dust bowl*¹¹–*the southern plains in the 1930's*. “Com esta última obra, Woster criou um padrão e uma agenda de trabalho para a disciplina. Ele documenta as relações entre uma sociedade humana específica, o seu meio ambiente e as suas influências mútuas” (DRUMMOND, 1991, p. 187). Ainda em 1977 surgiu a primeira sociedade científica voltada para a investigação no campo da História Ambiental, a *American Society for Environmental History*.

No artigo “Para fazer História Ambiental”, texto-base da História Ambiental brasileira, Worster, constrói tal fundamentação, definindo mais precisamente o meio ambiente como “mundo não-humano”, “ambiente natural”, “esfera não-humana” (COLACIOS, 2017). Aqui, o referido autor traz as consequências ecológicas, do ponto de vista da ação humana e da reação natural destacando que,

[...] aprofundar o nosso entendimento de como os seres humanos foram, através dos tempos, afetados pelo seu ambiente natural e, inversamente, como eles afetaram esse ambiente e com que resultados” e que “Em termos bem simples, portanto, a História Ambiental trata do papel e do lugar da natureza na vida humana. Há um consenso de que ‘natureza’ designa o mundo não-humano, o mundo que nós não criamos originalmente (WORSTER, 1991, p. 201).

O avanço de temas voltados ao ambientalismo, a partir da década de 70, ligados a um perfil público global, representou um dos fenômenos sociológicos mais significativos da história contemporânea. A importância dada a “ecologia” rompeu os muros da academia e passou a fazer parte de comportamentos sociais, ações coletivas e políticas públicas. A discussão ambiental se tornou criadora e criatura no processo de globalização, com o aumento da produção científica e a velocidade dos meios de comunicação, foi possível catalisar uma grande quantidade de temas da vida e do meio ambiente na agenda política.

Não é por acaso que nas últimas décadas organizaram-se iniciativas de ensino e pesquisa em economia ecológica, direito ambiental, engenharia ambiental, sociologia ambiental etc. Estabeleceu-se um movimento de mão dupla, em que as produções científicas influenciaram e foram influenciadas pelas ações públicas (PÁDUA, 2010, p. 82).

¹¹ Dust Bowl: apelido popular das tempestades de poeira que sufocaram as planícies centrais dos EUA na década de 1930, considerado um dos maiores desastres ambientais provocados pelos humanos em toda história registrada. (DRUMMOND, 1991)

Atualmente, paralelamente ao amadurecimento do campo ambiental, os pesquisadores da história ambiental podem contar com as reflexões sobre sustentabilidade que se tornaram base para reflexões ligadas ao campo do desenvolvimento.

Assim, partindo do que foi estabelecido acerca da relação entre natureza e meio ambiente na História Ambiental, torna-se perceptível analisar que pesquisadores internacionais e brasileiros têm interpretações heterogêneas sobre tal relação. Tal diversidade de interpretação, contudo, centra-se “em três matrizes: ecológica, socioambiental e geográfica” (COLACIOS, 2017, p. 8).

O referido autor aponta que,

a primeira matriz, ecológica, é característica da História Ambiental produzida nos Estados Unidos da América (EUA) e serviu de base para grande parte dos estudos nesta área entre os brasileiros. Esta matriz demonstra profunda ligação com os estudos das ciências naturais, particularmente a Biologia e a Ecologia. O conceito de meio ambiente utilizado pelos pesquisadores desta matriz remete à ideia de natureza separada da sociedade. Uma natureza intocada pela civilização. Tal perspectiva é fundamental para a compreensão desta primeira matriz (COLACIOS, 2017, p. 8)

Os pesquisadores desta matriz vêm a valorização da natureza que não pode ser tocada concebida numa região selvagem, consolidando esta como conceito de meio ambiente. Aqui é possível destacar o historiador Roderick Nash, que descreve a *wilderness* (região selvagem) como: “Essencialmente ... um estado de espírito. É a sensação de estar longe da civilização, daquelas partes do meio ambiente que o homem e a tecnologia modificaram e controlaram” (NASH, 1976, p. 14).

Para o referido historiador, a *wilderness* remete a um “estado mental”, um lugar onde o ser humano ainda não tocou e nem utilizou suas máquinas. Para ele existe este lugar natural/selvagem e o lugar que se contrapõe que é o produzido pelos humanos, que é um ambiente que, em particular, não o atrai.

Esta inferência à *wilderness* traz para a História Ambiental uma orientação utilizada pela matriz ecológica, através de Donald Worster. A respeito dos apontamentos de Nash, Worster explana que, o historiador em questão entende o ambiente como “paisagem ao redor, em volta do ser humano e da civilização que ele criou” (COLACIOS, 2017, p. 9). Ainda, o exposto acima na História Ambiental, Woster (1987) destaca que [...]

[...] não estamos preocupados apenas com a história das reações literárias à natureza ou das políticas de conservação, por mais importantes que sejam. Estamos, no sentido mais amplo, interessados em todas as maneiras como as pessoas se organizam em padrões de poder, produção e ideologia na presença do que convencionalmente chamamos de natureza - o mundo não humano (WORSTER, 1987, p. 251).

Os historiadores citados são unânimes em afirmar que, o meio ambiente do mundo não-humano, é o objeto de estudo para os problemas e análises da história ambiental. Infere-se desta discussão, que a matriz ecológica toma como base de pesquisa o meio ambiente natural, selvagem que não tenha sofrido ação antrópica. “A historiografia do impacto é, talvez, aquela que pode ser encontrada em maior quantidade em qualquer lista bibliográfica da História Ambiental” (COLACIOS, 2017, p. 10). A matriz ecológica trabalha com a noção de impacto ambiental, quer seja positivo, quer seja negativo.

Dando continuidade às matrizes da História Ambiental, há a segunda matriz, socioambiental ou de “mundo natural”, para a qual a natureza é sinonímia de meio ambiente, com o diferencial de que, pauta-se na economia, política e cultura do ambiente. Aqui há a problematização da relação entre sociedade e natureza, sem especificidades como o ecossistema e mundo selvagem. Nesta destaca-se o historiador Keith Thomas que aponta ser a relação sociedade e natureza implícita, ou seja, não há como separar sociedade e natureza uma vez que, “é impossível desemaranhar o que as pessoas pensavam no passado sobre as plantas e os animais daquilo que elas pensavam sobre si mesmas” (THOMAS, 2010, p. 20). Assim, nesta matriz a sociedade já mudou em referência à sociedade da matriz ecológica. Não é mais somente impacto e sim maneiras de interação. Nesta matriz destacam-se, ainda, o já citado Warren Dean e Paulo H. Martinez.

Para Dean, o meio ambiente é conceituado em termos ecológicos, advindo de estudos nas origens da história ambiental dos EUA. Contudo, quando escreve sobre “mundo natural” aponta que: “o mundo natural, simplificado, em desacordo com os desejos humanos, mas em resposta a seus atos, converte-se em uma enorme macega cosmopolita de luto” (DEAN, 1996). Nesse sentido, o autor recorda algo além do impacto, levando a reflexão para o âmbito político, econômico e cultural. Segundo ele, a inserção humana na natureza é certa, desde sua ação de degradá-la ou cuidá-la. A

exemplo da Mata Atlântica que sofreu inúmeras interferências antrópicas que são resultado e partícipe do processo de conformação da sociedade brasileira.

Martinez (2006), ao escrever “história ambiental no Brasil”, também vê o mundo natural como transformado e transformador, pois possibilita estudos históricos dos “desastres e catástrofes ambientais” ou análises das “formações sociais e econômicas e dos ‘agravos’ que estas desencadeiam no mundo natural” (MARTINEZ, 2006, p. 19). Pauta a construção social por meio da relação com o meio ambiente. Tal perspectiva, de certo modo, encontra vértices da matriz ecológica, onde há limites entre humanos e não-humanos. Para ele, deveria ser destaque na História Ambiental “o exame das relações entre os seres humanos e, dentro e a partir delas, a análise das relações que se estabelecem com o mundo natural” (MARTINEZ, 2006, p. 19).

Adicionalmente, é importante destacar a aplicação do marxismo ao campo de construção da história ambiental, possibilitando a inversão da proposição da matriz ecológica, deixando a divisão entre sociedade e natureza, para desvelar a “construção recíproca entre ambas, tendo, no entanto, como centro analítico as relações econômicas e sociais, por serem estas que, em última instância, definem o mundo natural” (COLACIOS, 2017). Tal matriz, pois, traz uma definição de meio ambiente pautada na relação sociedade (economia, política, cultura) e natureza, podendo ser ou não o impacto ambiental o difusor desta relação. Aqui, os estudiosos focam em políticas ambientais, patrimônio ambiental, educação ambiental entre outros, trazendo o homem como veio principal dos problemas que atingem o meio ambiente.

A terceira matriz (matriz geográfica), por sua vez, é estudada sob o prisma da história regional. Aqui, aos historiadores interpretam o meio ambiente, no que se refere a natureza, como um espaço, um lugar determinado, assim como “uma cidade, vilarejo, um rio, toda uma região ou então certa paisagem” (COLACIOS, 2017, p. 11). Nela os historiadores se preocupam com a promoção da relação entre sociedade e natureza em termos amplos, porém, com foco em um lugar em especial, deixando delado as implicações dessa relação, como no caso, aqui já visto, da Mata Atlântica. Define-se um espaço por uma convenção social. É possível, então, destacar Dean (1996) nesta perspectiva de interpretar o meio ambiente.

Assim, esta matriz tem premissas em estudos delimitados espacialmente. Define-se o meio ambiente sob o prisma regional ou a partir de um local de

significação social, e analisando o que e como realmente é a interação entre sociedade e natureza.

Contudo, conforme Colacios (2017) ainda que existam estas três matrizes com suas especificidades de objeto de estudo, há interlocução entre seus pesquisadores, seus objetos e os métodos de pesquisa.

1.5 A história ambiental no cenário nacional

Em nível nacional a história ambiental também tem a década de 1970 como um marco relevante. É de se considerar que o fechamento político, sobretudo o enrijecimento do regime militar, impediu que as grandes questões relativas ao desenvolvimento passassem por amplo debate. Tal contexto teve rebatimentos em todas as áreas de produção do conhecimento, mas com maior ênfase houve cerceamentos em relação às ciências humanas (MARTINEZ, 2006). O que permite compreender motivações para que os pesquisadores da área de história tenham tardado em ingressar nas discussões que interconectam história e meio ambiente.

No âmbito das reflexões da história econômica, Celso Furtado, expoente do pensamento latino-americano e vinculado à CEPAL, que participou em Nova York do *Seminary Brazil*¹², foi um dos críticos do modelo de desenvolvimento adotado no Brasil durante o regime militar, destacando-se como uma das vozes importantes nas reflexões sobre os rumos do capitalismo brasileiro (Martinez, 2006)

Autor do livro “O Mito do Desenvolvimento Econômico”, Furtado apontou a incapacidade desse modelo de socializar os benefícios da produção (MARTINEZ, 2006). Além disso, foi uma voz importante no cenário nacional para explicitar os obstáculos ao desenvolvimento econômico brasileiro, em que pese a economia brasileira vivenciasse entre final da década de 1960 e início de 1970 uma euforia, em função do ciclo econômico que foi intitulado como “Milagre brasileiro”¹³. Pode-se dizer que a ressonância relativa às questões ambientais se deu muito mais no exterior que no ambiente externo, dado o cerceamento político aos debates. Aliado ao quadro

¹² Fórum de debates permanentes sobre o Brasil, criado em 1968, sob a liderança de Frank Tannenbaum (OLIVEIRA, 2014)

¹³ O “Milagre econômico brasileiro” corresponde ao crescimento econômico ocorrido no Brasil entre os anos de 1968 a 1973. Esse período foi caracterizado pela aceleração do crescimento do PIB (Produto Interno Bruto), industrialização e inflação baixa (BEZERRA, 2019, p. 1).

político havia a hegemonia do discurso que defendia que considerar os impactos ambientais e incorporá-los ao modelo de desenvolvimento impediria que os países pobres pudessem avançar. Bernardes e Ferreira (2003) trazem à tona essa perspectiva ao analisar o debate sobre o relatório “Os Limites do Crescimento” defendido no Clube de Roma, em 1972¹⁴.

Em fins da década de 1970, os grupos que denunciavam casos de degradação urbana, impactos da construção de usinas nucleares e do uso indiscriminado de agrotóxicos estavam mais fortalecidos e tinham suas vozes ecoadas no cenário internacional, particularmente, nos organismos multilaterais. Anos depois, em 1989, a Assembleia Geral da ONU realizou uma conferência sobre meio ambiente e desenvolvimento no Brasil. Evento marcante na história do movimento ambiental, a Rio 92, Eco 92 ou Cúpula da Terra (já mencionada) trouxe como ponto principal a urgência da aliança entre os povos para uma sociedade sustentável. Ali, então, foi aprovada a “Agenda 21”, “um programa de trabalho para o século XXI voltado para o desenvolvimento e o meio ambiente do planeta, uma espécie de manual para orientar as nações na transição para uma nova concepção de sociedade, sendo as ONG’s responsáveis por elaborar as Agendas 21 locais e regionais” (OLIVEIRA, 2009, p.2).

Neste contexto, a história ambiental foi cultivada em seus objetivos morais, envoltos em uma rede de compromissos políticos. A crítica à destruição do meio ambiente associou-se a um *Ethos* romântico, ou seja, a natureza como lugar utópico tendo a visão organicista como ideal ético e político. Esta visão foi difundida por movimentos culturais que difundiam a ideia de que,

pelos mãos dos movimentos ecológicos e na contramão da ordem vigente a natureza ganha outros sentidos, já não mais como fronteira de demarcação dos ideais de cultura, desenvolvimento e civilização — distinguindo entre o humano e o não humano, civilizado e selvagem, entre outros — que lhe outorgara o papel de uma alteridade radical e grande Outro da modernidade, mas como uma alteridade mitigada ou pequeno outro, que a transforma em mais um sujeito dentro do horizonte dialógico de uma modernidade democrático-emancipatória (CARVALHO, 2001, p. 85).

A partir do foco no objetivo acima citado, no Brasil, além dos historiadores, muitos autores escreveram e estudaram a História Ambiental, partindo das mais

¹⁴ Neste relatório foram elencados “cinco fatores determinantes e/ou limitadores do crescimento: população, produção agrícola, recursos naturais, produção industrial e poluição” (THEODORO, 2005, p. 33).

diversas áreas, como cientistas naturais, sociólogos, ensaístas, engenheiros, geógrafos, entre outros. Os referidos autores que trabalharam em suas pesquisas a história ambiental, não se declaram “historiadores ambientais”. Em retrospectiva, é possível citar alguns destes autores brasileiros que possuem trabalhos relevantes para a área ambiental, como Sérgio Buarque de Holanda com os livros *Monções* (1945) e *“O extremo oeste”* (publicado em 1986). Em seus livros, Buarque de Holanda “trata com desenvoltura de variáveis ambientais como flora, fauna, topografia, solos, navegabilidade de rios, meios de transporte, disponibilidade de alimentos, entre outros” (DRUMMOND, 1991, p.177). E ainda o sociólogo Gilberto Freyre com o livro *Nordeste*, no qual aborda a relação entre os atos predatórios dos portugueses no nordeste úmido. “Examina a relação dos portugueses com os nativos, a terra, a flora, a fauna e a água, e produz um diagnóstico de destruição ambiental nada favorável aos senhores de engenho, de quem em tantas obras ele fez o elogio” (DRUMMOND, 1991, p. 193).

No Brasil, como visto, a matriz ecológica teorizada pelo historiador Drummond (1991) trouxe no mesmo texto-base da *História Ambiental*, o meio ambiente como uma “região com alguma homogeneidade ou identidade natural”, assim como utiliza os sinônimos “recursos naturais” e “ecossistemas” (COLACIOS, 2017, p.9). Para este historiador não é possível limitar os estudos históricos ao viés exclusivamente natural ou político. Entende que deva existir “o diálogo sistemático com quase todas as ciências naturais — inclusive as aplicadas — pertinentes ao entendimento dos quadros físicos e ecológicos das regiões estudadas” (COLACIOS, 2017, p.9).

Para tanto, visto que traz a caracterização de uma história regional, há que se recorrer à historiografia clássica nacional. Nesta, destacam-se Caio Prado Júnior, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Capistrano de Abreu, entre outros que baseiam seus estudos sobre o meio ambiente na historiografia nacional. Também, há grande relevância estudos de Dora Shellard Corrêa e Janes que recorreram à historiografia clássica brasileira, apontando, para a paisagem “dinâmica e humanizada”, não servindo apenas como “cenários de fundo, adornos insignificantes de acontecimentos, estruturas e processos e, muito menos, reflexos puros de um espaço físico visualizado” (CORRÊA 2007, p. 11). Ou seja, observa-se uma alusão à paisagem politizada. Também, no viés econômico, Corrêa compartilha que durante a transformação de algumas paisagens, como na Mata de Itapeva, houve processos

sociais e impactos que influenciaram na economia do estado de São Paulo (CORRÊA, 2013).

Para Jorge (2006), todo estudo que fundamenta a transformação do meio ambiente no viés político, econômico e cultural são “interpretações sobre o modo como sociedade e natureza interagiram em terras brasileiras ao longo do tempo” (JORGE, 2006, p. 19). Há, então, através da historiografia clássica nacional, a possibilidade de se interpretar o meio ambiente e sociedade de maneira local, e, no entanto, amplamente. Este autor aponta para a transformação social por meio da análise do rio Tietê que, antes remetia ao lazer, ao trabalho, agora acentua a desigualdade social na cidade de São Paulo (JORGE, 2006). Warren Dean, como já visto, um dos primeiros autores da História Ambiental sobre o Brasil, em sua obra “*Brazil and the struggle for rubber – a study in environmental history*”, aponta as origens da degradação e crise ambiental, permitindo o conhecimento para a construção de uma nova sociedade de forma ecológica equilibrada e politicamente democrática (OLIVEIRA, 2013).

Outro autor que se encontra como um dos pioneiros da História Ambiental no Brasil é o brasileiro José Augusto Pádua¹⁵ que escreveu várias obras de alta relevância para o estudo desta disciplina. Entre seus trabalhos mais famosos se encontram: “Um sopro de destruição”, escrito em 2002; e “As bases teóricas da História Ambiental”, escrito em 2010, que apresenta a pesquisa História Ambiental comparada do território brasileiro.

Percebe-se, no entanto, que a proposição interdisciplinar da história ambiental tem permitido que autores de campos mais distantes da História se coloquem como referência para este campo em construção. Destacam-se nessa linha os estudos de Leff¹⁶, para quem,

[...] a história ambiental abre uma nova indagação sobre o tempo, sobre as temporalidades que definem os processos ecológicos e as identidades culturais que se integram com os processos econômicos e tecnológicos que marcam o curso da história moderna. A história ambiental será o encontro de racionalidades diferenciadas para cuja abordagem a definição genérica de

¹⁵ Pádua, encontra-se entre os pioneiros da História Ambiental ou Ecológica no Brasil. Em seu artigo *Natureza e projeto nacional: as origens da ecologia política no Brasil*, publicado na coletânea, organizada por ele, *Ecologia e política no Brasil* (IUPERJ, Espaço e Tempo, 1987), foi, sem dúvida, um dos primeiros a aventar a possibilidade de um empreendimento deste tipo (FRANCO, 2003, p. 1).

¹⁶ Doutor em Economia do Desenvolvimento, trabalha com epistemologia, economia política e educação ambiental. Coordenador da Rede de Formação Ambiental para a América Latina e Caribe, do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (LEFF, 2003, p. 1)

ambiente como o campo das relações sociedade-natureza abre a porta dos estudos de suas complexas interações (LEFF, 2003).

Conforme Leff (2003), as narrativas sobre a destruição ecológica e sobre o desaparecimento das etnias constituem um acervo importante de estudos sobre o impacto do desenvolvimento, do progresso e da modernidade sobre as culturas e sobre a natureza.

Toda pesquisa histórica feita no cenário nacional revela a preocupação intelectual com os problemas ambientais desde o final do século XVIII, sendo de grande relevância para que se construa um pensamento moderno sobre estes problemas. Estudiosos foram e são, constantemente, desafiados e estimulados para instrumentalizar o entendimento dos caminhos da sociedade, suas possibilidades, seus atores e escolhas. Atualmente, identifica-se uma profusão de estudos na área de economia ecológica, direito ambiental, engenharia ambiental, sociologia ambiental, entre outros, para que os problemas ambientais diminuam e tenham menor impacto negativo à sociedade.

Em muitos campos científicos, os temas da história ambiental assumem roupagem distinta, outros conceitos e fundamentações. Todavia, o que se vê, é que o uso do termo história ambiental representa um marco do ingresso da História como ciência no âmbito dos debates relativos às temáticas ambientais de modo amplo.

CAPÍTULO II

PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

O método é a trajetória de construção do discurso científico, representando o caminho percorrido para se conhecer o fenômeno ou o fato investigado, em busca de produzir um conhecimento racional e sistemático. Desta forma, como construção, é a consequência de um processo por meio do qual o sujeito pesquisador procura conhecer a sociedade e a natureza, deve ser compreendido como resultado das relações humanas. Diante disso, ele se altera, refletindo o desenvolvimento e as rupturas nos diferentes momentos da história (MARCONI, LAKATOS, 2010).

Compreende-se o método como percurso em busca de respostas para as indagações que mobilizaram a pesquisa em seu início. Nesta pesquisa, entendeu-se que a bibliometria seria capaz de estruturar a investigação e conceder-lhe procedimentos e ferramentas (PIMENTA *et al.*, 2017; MEDEIROS, 2015; GUEDES E BORSHIVIER, 2005). Aliado a ela, a abordagem qualitativa, em papel secundário e complementar, possibilitou analisar resultados sistematizados por meio das ferramentas de análise bibliométrica.

A pesquisa pode ser classificada como quali-quantitativa, descritiva e exploratória (TRIVIÑOS, 1987). A análise, por sua vez, foi articulada a partir da definição das categorias de pesquisa que emergiram da revisão teórica. Entende-se que elas possibilitem visualizar a apropriação de um caminho metodológico que foi identificado nos anos 1990 como adequado para a incursão das pesquisas de cunho histórico no âmbito das discussões ambientais e ecológicas. Considerando a proposição de Drummond (1991), identificou-se as seguintes:

1. Foco em região com características homogêneas
2. Recorte político relacionado às particularidades físicas ou ecológicas
3. Abordagem socioeconômica (recursos úteis e sua apropriação)
4. Utilização de fontes escritas e não escritas
5. Trabalho de Campo

A análise da base de dados a partir das categorias indicadas acima envolveu o recurso de análise de conteúdo, ancorado nos recursos propostos por Moraes (1994);

1999). Isso posto, neste capítulo são apresentados os procedimentos metodológicos e as estratégias utilizadas para a seleção, tratamento e análise de dados.

A pesquisa pode ser classificada como predominantemente quantitativa com análise qualitativa nas categorias derivadas. No âmbito da bibliometria, o estudo limitou-se a aplicação das leis Lotka¹⁷ e Bradford¹⁸, cujo levantamento quantitativo enfocou a produção em nível nacional. Os dados coletados foram obtidos por meio das plataformas Scielo Eletronic Library Online (Scielo) e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD¹⁹).

A análise quantitativa dos resultados foi realizada em 27 teses, 42 dissertações e 53 artigos selecionados a partir de um processo de filtragem realizado nas bases de dados, perfazendo um N final de 122 publicações. O recorte espacial, por sua vez, abrangeu publicações relacionadas ao Brasil. Já o recorte temporal utilizado envolveu o período de 1990 até 2019. A escolha do início do período analisado advém de dois fatores: 1) pelo marco ambiental que foi a Rio-92 ou Eco-92, que indica que a década de 1990 foi muito favorável aos avanços das temáticas ambientais; 2) em função da publicação de Drummond em 1991 que indica parâmetros metodológicos para o desenvolvimento do campo de pesquisa (aqui considerados como categorias de análise).

Neste procedimento, a definição dos critérios de inclusão e exclusão constitui fator primordial, podendo ser elencados os seguintes passos realizados:

- ✓ Identificação dos termos-chave para a busca nas bases de dados;
- ✓ Definição de filtros a serem testados na plataforma;
- ✓ Recolhimento dos dados de busca para cada configuração de termos-chave e filtros.
- ✓ Escolha da configuração de busca mais adequada levando em consideração os objetivos deste estudo.
- ✓ Seleção dos resultados com base em combinações mais adequadas.
- ✓ Consolidação dos dados obtidos na planilha do Excel.

¹⁷ Lei de Lotka: relacionada a produtividade científica de autores. (Guedes e Borschiver, 2005).

¹⁸ Lei de Bradford: relacionada a produtividade de periódicos. (Guedes e Borschiver, 2005).

¹⁹ Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) é um modelo de interoperabilidade entre bibliotecas e repositórios digitais, possibilitando alternativas para a comunicação científica, com consolidar o registro e a disseminação da produção científica brasileira, assim como do acesso à informação científica. Disponível em <https://bdttd.ibict.br>.

- ✓ Verificação dos resultados.
- ✓ Tratamento dos dados
- ✓ Elaboração dos quadros de análise
- ✓ Apresentação dos dados bibliométricos.

No processo de realização das pesquisas foram utilizados termos entre aspas, para que fossem pesquisados em bloco de palavras, ou seja, para que o resultado da pesquisa não fosse discrepante ao buscar palavras separadas no texto. Assim a configuração geral de busca foi - Assunto: “termo chave” com filtros direcionados para título e palavras-chaves.

A aplicação dos procedimentos de filtragem teve como objetivo permitir a seleção dos resultados de maneira mais adequada para a análise. Nesse caso, foram utilizados os termos: “história ambiental”; “história ecológica”²⁰; “Brasil”, nas buscas realizadas nas plataformas Scielo CrossRef (via Portal de Periódicos da CAPES) e BDTD (Biblioteca Digital de Teses e Dissertações). Considerando que cada plataforma possui especificidades, os procedimentos técnicos de geração, filtragem e exportação de dados foram realizados separadamente e agregados posteriormente. A seguir, tais procedimentos são explicitados em passos para cada uma das bases de dados.

2.1 Procedimentos de geração de dados na base BDTD

Os procedimentos de filtragem realizados na base BDTD se dividiram em duas etapas, a busca avançada com os termos-chave “história ambiental” (AND) Brasil e posteriormente “história ecológica” (AND) Brasil.

A pesquisa realizada, utilizando a palavra-chave “História ambiental” AND Brasil na busca nos campos título ou assunto, resultou em 66 publicações. Ao utilizar o filtro referente aos anos de defesa, foram encontradas 42 dissertações e 21 teses (63 no total).

²⁰ Embora o termo “história natural” tenha recorrência nos textos teóricos, optou-se nesta pesquisa por utilizar os parâmetros de Worster (1991) que indica que a história ambiental propicia o diálogo entre as grandes áreas da História e a temática ecológica.

Ao adotar as palavras-chave “história ecológica” (AND) Brasil, na configuração de busca, obteve-se 11 resultados. Ao aplicar o filtro ano de defesa, restringido aos anos de 1990 a 2019, obteve-se 10 resultados.

Após a filtragem, foi realizada a exportação dos dados para a planilha Excel, onde foi realizada a unificação dos resultados das duas pesquisas, somando 73 publicações divididas em teses e dissertações. Posteriormente a este procedimento foi realizada uma triagem dos dados para verificar a existência de dados duplicados, ou aqueles que estavam fora das características necessárias para cumprir os objetivos da pesquisa. Os resultados foram exportados em extensão csv para tratamento no Programa MicroSoft Excel.

2.2 Procedimentos de geração de dados na Base SCIELO (*Scientific Electronic Library Online*)

O primeiro processo de levantamento de artigos, resenhas de livros e livros produzidos com as palavras-chave padrão envolveu identificar o caminho com melhores resultados, em termos de eliminação de repetições e exportação de lista para análise. Para tanto, observou-se que a utilização do canal Portal de Periódicos CAPES, acessado por meio do espaço CAFE (Comunidade Acadêmica Federada), usuário registrado na Universidade Federal do Paraná, era o mais adequado, permitindo a extração da Base SCIELO para artigos científicos. Optou-se pelas Bases Scielo CrossRef²¹ e Scielo Books.

Após a primeira busca, com o uso dos filtros “história ambiental” OR “história ecológica”, foi gerado um resultado de 1.137 publicações, que foram refinadas através da aplicação de filtragem. Os primeiros filtros aplicados envolveram: definição do intervalo temporal (01/01/1990 a 31/12/2019); delimitação de tipagem: artigos, revisados por pares e livros; Base Scielo CrossRef e Scielo Books.

Foram identificados 59 artigos (incluindo resenhas publicadas como artigos) e 06 livros. Os resultados foram salvos em “Meu Espaço”, recurso disponibilizado pelo Portal de Periódicos CAPES e exportados para o Software gerenciador de

²¹ O CrossRef constitui uma associação de editores que presta um conjunto de serviços facilitadores da busca e identificação das produções científicas, dentre os quais está o DOI (Digital Object Identifier). A utilização desta base de dados foi considerada como um referencial qualificativo dos periódicos.

bibliografias ENDNOTE. A partir dele foi criada uma lista de bibliografia em formato ABNT e exportada para Word para depois ser novamente exportada para Excel e organizada em planilhas. A partir das URLs (*Uniform Resource Locate*) de cada publicação foram analisadas a aderência ao recorte espacial Brasil, bem como ao tema da pesquisa. Nesse processo foram excluídas aquelas que não eram referentes ao tema, e aquelas que tratavam de outros países. Nesse processo foram excluídas 14 referências de artigos e 2 de livros. Também foram excluídas referências que se referiam a textos de editoriais e/ou apresentações de revistas. A partir do processo exposto foram tratados um conjunto de 44 publicações, sendo 32 artigos, 8 resenhas de livros e 4 livros.

2.3. Tratamento dos Dados

O tratamento dos dados iniciou após a exportação para a planilha Excel, a partir de uma triagem realizada para verificar a existência de dados duplicados ou que não se enquadraram com os objetivos propostos. Para cada uma das referências foram acessadas as publicações completas, realizados processo de uniformização da língua para que resumos, palavras-chave e outras informações estivessem em língua portuguesa, corrigidos caracteres e outros aspectos relevantes para que os recursos analíticos pudessem ser aplicados.

2.3.1 Utilização do Software *Microsoft Excel*

Concluídas as extrações (com filtragens e exclusões), foi realizado o processo de organização dos dados em planilhas Excel, incluindo informações relevantes para pesquisa e conferindo os conteúdos extraídos em cada célula. Foram definidos 18 campos de dados, sendo eles: base de dados, ano, título, resumo, palavras-chave, autores, orientadores (base BDTD), instituição de pesquisa, programa de pós-graduação/periódico, área de conhecimento, tipologia da publicação, URL, características 1 a 5 (categorias de análise qualitativa). Para a classificação de área das publicações da BDTD considerou-se a Tabela de Áreas da CAPES e para os

artigos o Qualis CAPES (2013-2016), observando o maior Qualis como área de principal aderência do periódico.

Dentre os recursos associados ao Software MS Excel, a tabela dinâmica²² foi escolhida para subsidiar os processos de cruzamentos dos dados exportados. Para utilizar a tabela dinâmica foram selecionadas as células dentro da planilha que seriam utilizadas para análise, e, na aba “Inserir” foi escolhida a opção “Tabela Dinâmica”.

O procedimento de tratamento dos dados no Excel, utilizando o recurso Tabela Dinâmica foi adotado para o atingimento dos objetivos quantitativos. As planilhas foram tratadas por base de dados e em seguida unificadas, sendo realizados os cruzamentos conforme se apresenta no Quadro 2, a seguir:

QUADRO 2: Cruzamentos realizados no Excel – planilhas por base e unificada

BDTD	<ul style="list-style-type: none"> - Ano e volume de publicações - Ano, volume de publicações e tipologia - Ano, instituição de pesquisa e tipologia - Instituição de pesquisa e volume de produção - Área de conhecimento, tipologia e volume de produção - Orientadores, volume de publicações e instituição de pesquisa - Orientadores, área de pesquisa e quantidade de orientações
SCIELO	<ul style="list-style-type: none"> - Anos e volume de artigos - Periódico, área e volume de artigos - Autores e volume de artigos - Autores, periódicos e volume de artigos
UNIFICADA	<ul style="list-style-type: none"> - Anos e volume de artigos - Autores, bases de dados e volume de publicações - Bases de dados, Programa de Pós-Graduação/Periódico e volume de publicações - Área e volume de publicações

Fonte: Autora

2.3.2 Produção de Nuvem de Palavras

Foram produzidas 2 nuvens de palavras para cada base de dados (BDTD, Scielo e Unificada) relativas aos resumos e palavras-chave, com vistas a identificar as palavras com maior e menor frequência. Para tanto, utilizou-se os recursos do Software IRAMUTEQ²³. As nuvens foram geradas para palavras-chave, mesmo com

²² Recurso utilizado para resumir dados e apresentar cálculos de soma, média e contagem.

²³ O IRAMUTEQ é um software gratuito e com fonte aberta, desenvolvido por Pierre Ratinaud, que permite fazer análises estatísticas sobre corpus textuais e sobre tabelas indivíduos/palavras. Um dos produtos que ele pode gerar são as nuvens de palavras.

percentual elevado de HAPAX, que são palavras com frequência 1, em função do objetivo de verificar os termos mais utilizados. Para a análise de resumos optou-se por excluir as palavras com frequência inferior a 10, além do conectivo “e” cuja frequência mostrou-se relevante. Foram analisadas as frequências com base na análise de adjetivos, advérbios, substantivos e verbos. Destaca-se que as nuvens da planilha integrada foram geradas apenas para dissertações, teses e artigos, tendo em vista que a base foram resumos e palavras-chaves (101 publicações ao todo, para este produto em particular).

2.3.3 Extração de dados qualitativa

Os dados qualitativos foram extraídos por meio da leitura das referências, considerando as 5 categorias analíticas definidas na pesquisa. Os resultados foram analisados em articulação aos observados na apuração quantitativa. Foram sistematizados na planilha a partir da leitura dos textos selecionados. Posteriormente, os resultados foram analisados em cruzamento com os dados quantitativos.

CAPÍTULO III

PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM HISTÓRIA AMBIENTAL ENTRE OS ANOS 1990 E 2019 – ANÁLISE DOS RESULTADOS DAS BASES BDTD, SCIELO E UNIFICADA.

Neste capítulo serão apresentados os resultados obtidos a partir da análise bibliométrica das 122 publicações compreendidas entre teses, dissertações, artigos, resenhas e livros sobre o tema história ambiental, encontrados na Biblioteca de Teses e Dissertações (BDTD) e Scielo CrossRef, no período que vai de 1990 a 2019.

Os resultados estarão divididos em três partes, sendo elas, análise dos resultados da BDTD, análise dos resultados da Scielo CrossRef e análise unificada das duas bases de dados.

3.1. Análise dos dados da Base BDTD.

Com o objetivo de identificar os termos recorrentes nas dissertações e teses, foram avaliadas as palavras-chaves e resumos, criando uma nuvem de palavras. Através das figuras abaixo (Figuras 1 e 2), verifica-se que os termos que apresentam maior predominância, tanto nas palavras-chaves como nos resumos, são: “natureza”, “ambiente”, além da própria, “história ambiental” e “Brasil”.

Devido a crescente atenção internacional para a preservação da natureza, além da repercussão do descontentamento de diversos setores da sociedade quanto a poluição. A Organização das Nações Unidas (ONU) passou a organizar a partir de 1972, com a Conferência de Estocolmo, reuniões que se concentraram em assuntos relacionados ao meio ambiente. A conferência do Rio, em 1992, (Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento), introduziu novos enfoques com relação ao meio ambiente, além de trazer o conceito de desenvolvimento sustentável, com foco em três pilares: econômico, social e ambiental.

Reflexo de todo este processo, as teses e dissertações em história ambiental, apresentam o atual quadro de estudo ligado, a natureza e ao meio ambiente, além de se verificar nos estudos os três níveis que atuam a história ambiental segundo Woster (1991), a natureza, o domínio socioeconômico e as representações sociais relacionadas ao mundo natural. (Ver Figuras 1 e 2)

**FIGURA 2 – NUVEM DE PALAVRAS:
PALAVRAS-CHAVES BDTD**



Fonte: Biblioteca de teses e dissertações (BDTD).
<http://bdttd.ibict.br/vufind/Search/Advanced>

No GRÁFICO 1 encontra-se a distribuição das teses e dissertações por ano, em um período que vai de 1990 a 2019. Os resultados mostram um aumento significativo, de 350% em comparação a média²⁴ das publicações anuais, no número de trabalhos depositados na base sobre o tema história ambiental no ano de 2013; já em comparação ao ano anterior, 2012, o aumento é de 285%. As teses e dissertações demoram, em média, de 2 a 4 anos para serem produzidas, neste sentido as reflexões devem estar ligadas aos anos de 2009 e 2010. Ao todo foram produzidas 4 teses e 10 dissertações (Ver GRÁFICO 2).

Nesse sentido, percebe-se o reflexo da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20. Tal conferência foi realizada em junho de 2012 na cidade do Rio de Janeiro, porém os preparativos para a conferência iniciaram em 2009, quando a proposta brasileira de sediar a Rio+20 foi aprovada na 64ª Sessão da Assembleia-Geral das Nações Unidas. A partir de 2010, o comitê de organização realizou sessões anuais para estabelecer a programação da conferência. Os

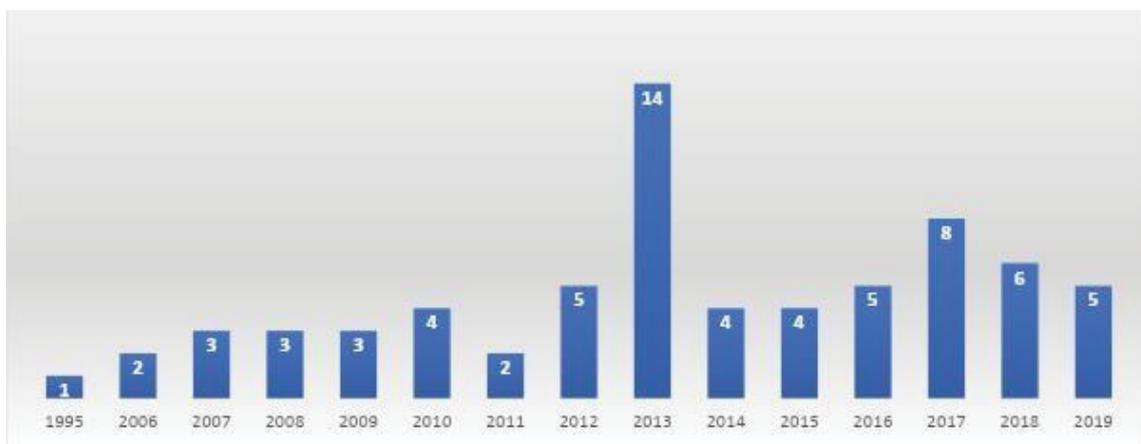
²⁴ Se excluirmos o ano de 2013, a média da série é 4 publicações anuais.

principais temas da conferência foram a estrutura institucional para o desenvolvimento sustentável e a economia verde no contexto do desenvolvimento sustentável e da erradicação da pobreza.

As ações da Rio+20 foram organizadas em nove dimensões: (i) gestão das emissões de gases de efeito estufa, (ii) recursos hídricos, (iii) resíduos sólidos, (iv) energia, (v) transporte, (vi) construções sustentáveis, (vii) compras públicas sustentáveis, (viii) turismo sustentável e (ix) alimentos sustentáveis. (ROSSATO e CARDOSO, p.9, 2014)

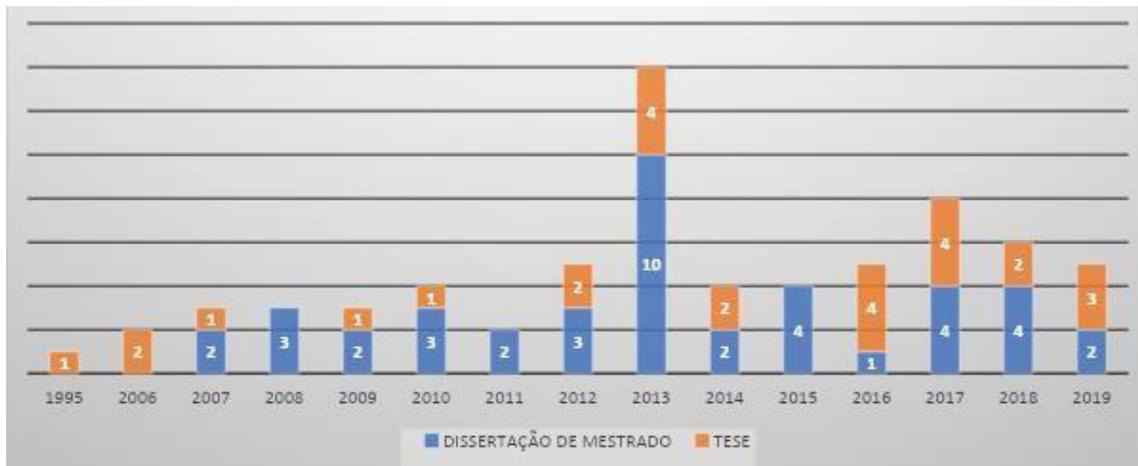
No que diz respeito ao tema de pesquisas das teses, temos uma leitura biográfica, as outras três teses relacionadas à apropriação dos recursos úteis. As dissertações têm temas ligados à exploração de terras e rios, a criação de parques nacionais, além de pesquisas relacionadas a problemas de ordem social e ecológica, como a poluição atmosférica, sólida e hídrica. Nota-se que os temas estão relacionados aos temas da conferência e às ações da Rio+20 citadas acima.

GRÁFICO 1: Distribuição do quantitativo geral de produção de teses e dissertações, relacionadas À história ambiental, entre 1990 e 2019



Fonte: Biblioteca de teses e dissertações (BDTD). <http://bdtd.ibict.br/vufind/Search/Advanced>

GRÁFICO 2: Distribuição da produção de teses e dissertações, relacionadas à história ambiental, por ano entre 1990 e 2019

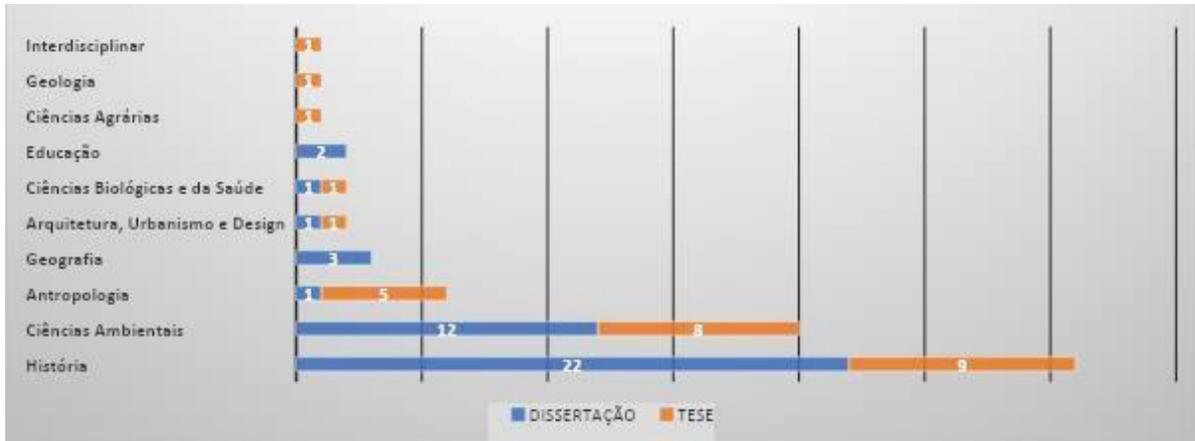


Fonte: Biblioteca de teses e dissertações (BDTD). <http://bdtd.ibict.br/vufind/Search/Advanced>

A partir do ano de 2008, os programas de mestrado passaram a ter uma produção mais expressiva no campo da história ambiental. Nota-se que a História é a área do conhecimento que mais tem capitaneado produções para o novo campo de conhecimento, sendo 31,8% das produções nas áreas de história. Entretanto, as Ciências Ambientais detêm 17,4% das produções dentro do período, sendo a segunda área com maior número de publicações. O ano de 2013, traz o pico de produções dentro da história ambiental, das 10 dissertações 4 são em História e 3 são em Ciências Ambientais, representando 70% das dissertações. (Ver GRÁFICOS 2 e 3)

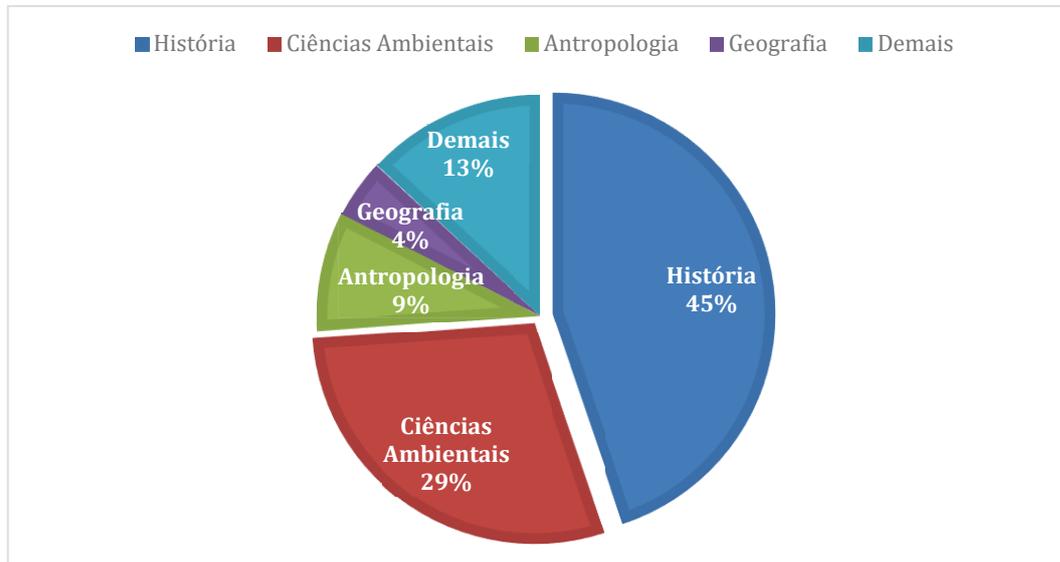
Ao analisar as fontes históricas utilizadas por essas produções, nota-se que tanto a História, como as Ciências Ambientais, áreas de maior produção segundo dado expresso no Gráfico 4, utilizam predominantemente pesquisas bibliográficas, além do destaque para as produções baseadas na metodologia da história oral (entrevistas e relatos). A predominância, todavia, não poderia deixar de envolver o uso das fontes documentais, em particular as fontes escritas (como os jornais). De modo geral, além das fontes já citadas, as pesquisas na área de História utilizam documentos públicos, como leis, decretos, dentre outras, enquanto as produções na área de Ciências Ambientais utilizam dados e procedimentos etnográficos.

GRÁFICO 3: Distribuição da publicação de dissertações e teses, relacionadas à história ambiental, por área de concentração entre 1990 e 2019



Fonte: Biblioteca de teses e dissertações (BDTD). <http://bdttd.ibict.br/vufind/Search/Advanced>

GRÁFICO 4: Principais áreas de publicação de teses e dissertação relacionadas a história ambiental entre os anos de 1990 e 2019



Fonte: Biblioteca de teses e dissertações (BDTD). <http://bdttd.ibict.br/vufind/Search/Advanced>

No que se refere ao quantitativo de pesquisas por instituição, das 29 instituições de ensino apresentadas no Gráfico 5. Observa-se que quatro delas se destacaram na produção de teses e dissertações sobre história ambiental, como revela o Gráfico 6, são elas: UNB, Unicamp, UFCG e UFSC.

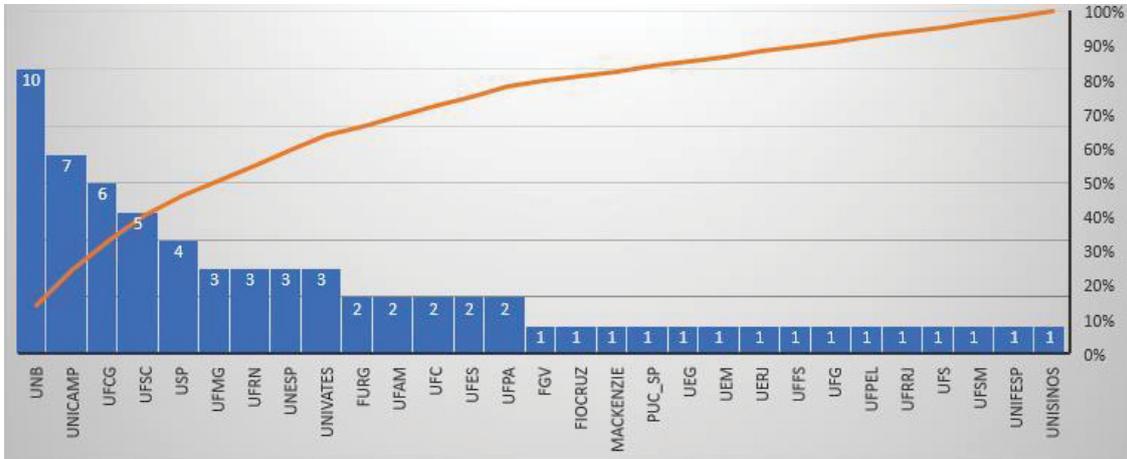
A Universidade de Brasília (UNB) detém o destaque, com a maioria das publicações, apresentando 10 trabalhos. Vale salientar que a UNB é uma instituição proeminente pelo fato de oferecer a Pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável, em nível de mestrado e doutorado, além de contar com o pesquisador José Augusto Drummond como professor e orientador do programa, se dedicando a trabalhos voltados para o tema da história ambiental.

A Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) não possui um programa de pós-graduação voltado para a história ambiental ou para o desenvolvimento sustentável. Porém, os 7 trabalhos publicados estão concentrados na área de conhecimento Antropologia, no programa de pós-graduação da Unicamp intitulado Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. No que tange ao tipo de pesquisa, a maioria das obras são teses de doutorado, como mostra o Quadro 3.

A Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), na Paraíba, que apresenta 6 trabalhos, um número de publicações muito próximo a Unicamp, três deles são do Programa de Pós-graduação de Recursos Naturais e três do Programa de Pós-graduação em História, ambos os trabalhos foram orientados por José Otávio Aguiar. (Ver Quadro 4)

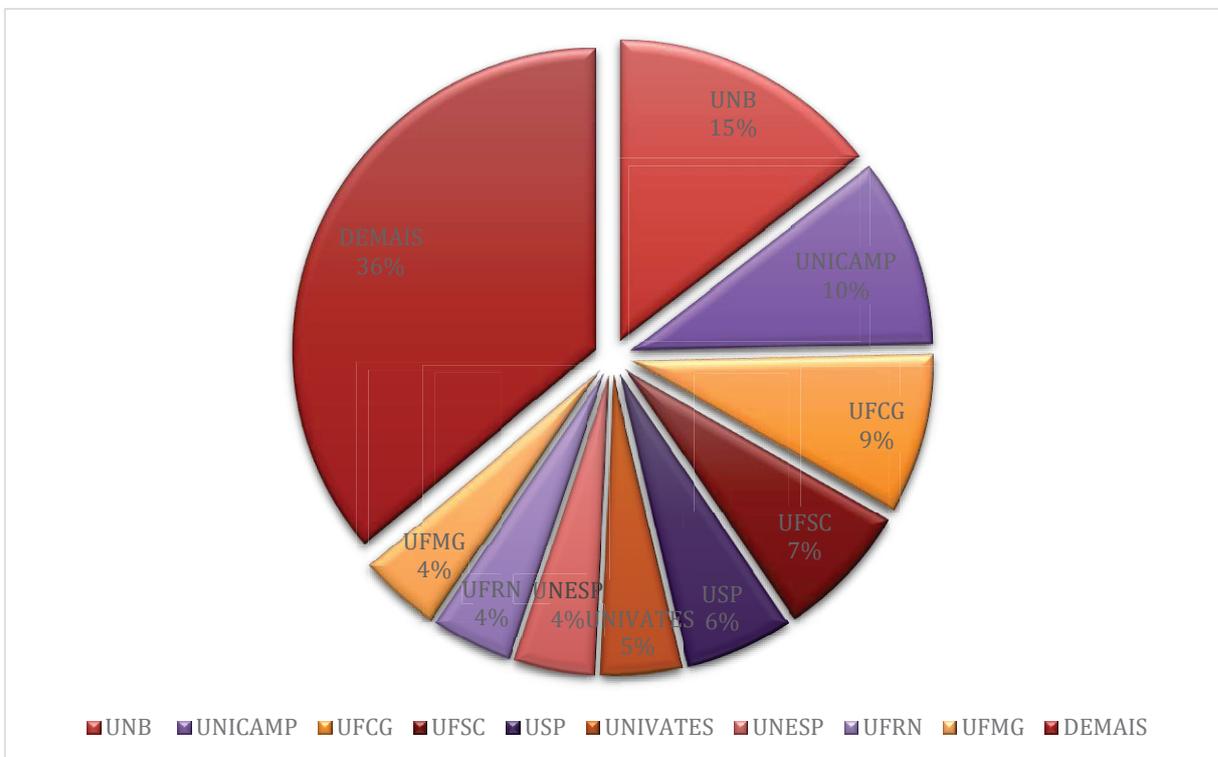
As produções relacionadas a Universidade Federal de Santa Catarina, estão ligadas ao Programa de Pós-graduação de História, sendo três dissertações de mestrado e duas teses de doutorado. Destacam-se dois orientadores Eunice Sueli Nodari, com duas orientações no doutorado, e João Klug com duas orientações no mestrado, ambos professores orientam a linha 1 de pesquisa denominada “Migrações, Espacialidades e Globalidades” que tem como um de seus temas de pesquisa a história ambiental.

GRÁFICO 5: Distribuição e participação de cada instituição de ensino nas publicações de dissertações e teses, relacionadas à história ambiental, entre 1990 e 2019.



Fonte: Biblioteca de teses e dissertações (BDTD). <http://bdtd.ibict.br/vufind/Search/Advanced>

GRÁFICO 6: Participação das instituições de ensino na publicação de teses e dissertações relacionadas a história ambiental entre 1990 e 2019.



Fonte: Biblioteca de teses e dissertações (BDTD). <http://bdtd.ibict.br/vufind/Search/Advanced>

Quadro 3: Trabalhos da Unicamp – por área de conhecimento.

Programa de Pós-graduação	Área de conhecimento	Tipo de trabalho
Ensino e história de ciências da terra (PEHCT)	História	Dissertação de mestrado
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. (PIFCH)	Antropologia	Tese doutoral
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. (PIFCH)	Antropologia	Tese doutoral
Ensino e história de ciências da terra (PEHCT)	História	Tese doutoral
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. (PIFCH)	Antropologia	Tese doutoral
Ciências Sociais (PPGCS)	Antropologia	Tese doutoral
Ecologia (PPGE)	Ciências Biológicas e da Saúde	Dissertação de mestrado

Fonte: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD). <https://bdtb.ibict.br/vufind/Search/Advanced>

Quadro 4: Relação de orientadores (duas ou mais orientações) e quantidades de dissertações e teses orientadas, relacionadas à história ambiental, conforme a área de concentração da CAPES

José Luiz de Andrade Franco – UNB	
Ciências Ambientais	7
José Otávio Aguiar – UFCG	
Ciências Ambientais	3
História	3
Paulo Henrique Martinez - UNESP	
História	3
Regina Horta Duarte – UFMG	
História	2
Angela Lúcia de Araújo Ferreira	
Arquitetura, Urbanismo e Design	2
Pedro Paulo Abreu Funari – UNICAMP	
Antropologia	2
André Jasper – UNIVATES	
Ciências Ambientais	2
João Klug – UFSC	
História	2

Fonte: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD). <https://bdtb.ibict.br/vufind/Search/Advanced>

3.2. Análise dos dados da Base SCIELO CrossRef.

Segundo Gonçalves (2008), as palavras chaves têm como função a representação temática de um documento, ou seja, traduzem um conteúdo, indicam a cobertura de um assunto, além de auxiliar na recuperação da informação no contexto da pesquisa científica.

No que diz respeito a nuvem de palavras relacionada a base de dados Scielo CrossRef, verifica-se que ambas (palavras-chaves e resumos) apresentam os termos “natural”, “natureza”, “meio ambiente” e a nuvem de resumos apresenta um destaque para “mata atlântica” (Ver Figura 3 e 4). Vale ressaltar que Drummond, um dos pioneiros da história ambiental no Brasil, em sua obra intitulada “Devastação e preservação ambiental no Rio de Janeiro”, analisa a destruição da Mata Atlântica Fluminense. Nesse sentido, dialogam diretamente com os resultados identificados na base de dados BDTD.

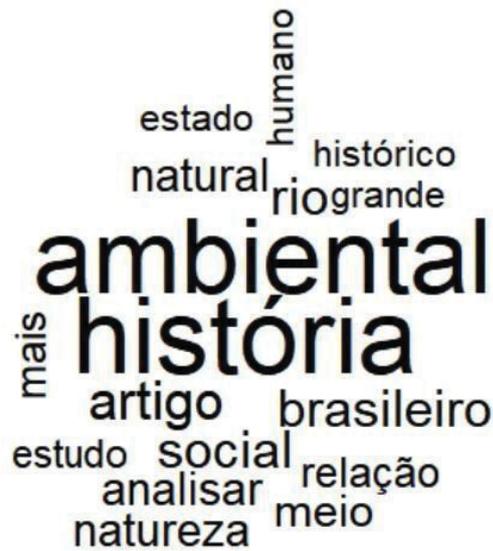
Ao avaliar as pesquisas realizadas na base de dados Scielo CrossRef, nota-se que dentro das áreas com maior número de publicações, os estudos relacionados a Mata Atlântica dizem respeito a 8,3% na área de História e 25% na de Ciências Ambientais.

**Figura 3 Nuvem de palavras:
Palavras-chaves Scielo CrossRef**



Fonte: Scielo CrossRef

**Figura 3 Nuvem de palavras:
Resumos Scielo CrossRef**



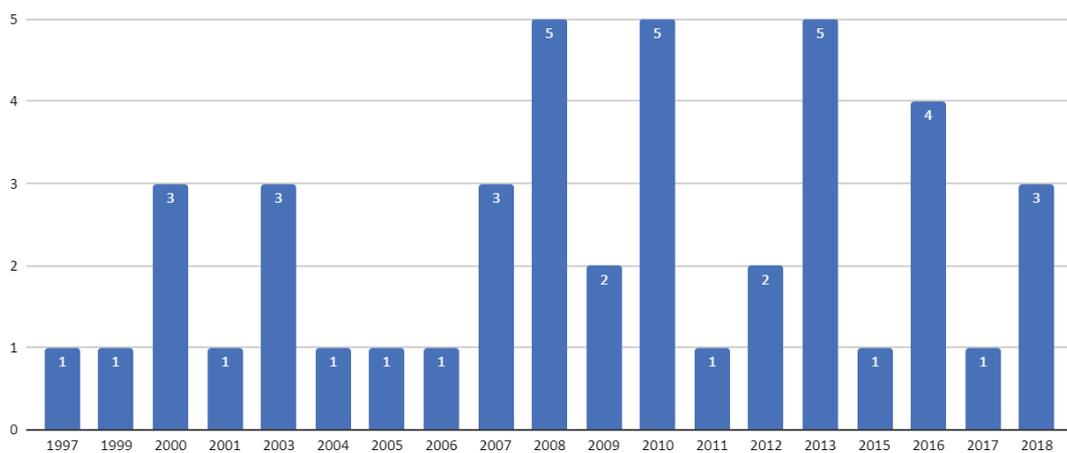
Fonte: Scielo CrossRef

Percebe-se que alguns anos se destacam, no que tange às publicações indexadas à Base Scielo CrossRef, são eles: 2008, 2010 e 2013. (Ver gráfico 7) Em 2008, são 3 artigos na área de Ciências Ambientais, com temas voltados para a colonização do Rio Grande do Sul, sob a ótica da história ambiental; uma pesquisa relacionada a indústria madeireira na Mata Atlântica e um estudo sobre os processos de mineração no estado de Goiás. As outras duas publicações se referem a resenhas de livros, realizadas pelo autor Jozimar Paes de Almeida, ambas as resenhas objetivam a realização de um estudo temático das relações da História com a Ecologia.

Em 2010, temos um destaque para a publicação de José Augusto de Pádua, um dos autores de referência para a história ambiental, neste artigo o autor analisa a emergência deste campo de estudo, como uma ciência consciente de si mesma, no contexto histórico e cultural do século XX e XXI. A publicação de Pádua se encontra na área de Antropologia, todavia, 40% das publicações deste ano estão relacionadas a História. Outra característica comum dos estudos deste ano é que 80% deles utiliza a entrevista como fonte.

No ano de 2013, 80% das pesquisas são relacionadas ao Brasil, de forma geral, apresentando como temática central as concepções de natureza e conservação dentro de um diálogo com a história ambiental. Ainda, 60% das publicações, deste ano, são da área de História.

Gráfico 7: Publicação de artigos, resenhas de livros indexados à base Scielo, relacionados à história ambiental, entre 1990 e 2019



Fonte: Scielo CrossRef

No que tange aos periódicos, observa-se que três revistas se destacam em volume de publicações, são elas: Ambiente e Sociedade; História, Ciências, Saúde-Manguinhos; História (São Paulo). Juntas elas representam 63,6% das publicações, entre 1990 e 2019. As obras estão divididas entre as áreas História, sendo 46,5% e Ciências Ambientais detendo 53,5%. (Ver Gráficos 8 e 9)

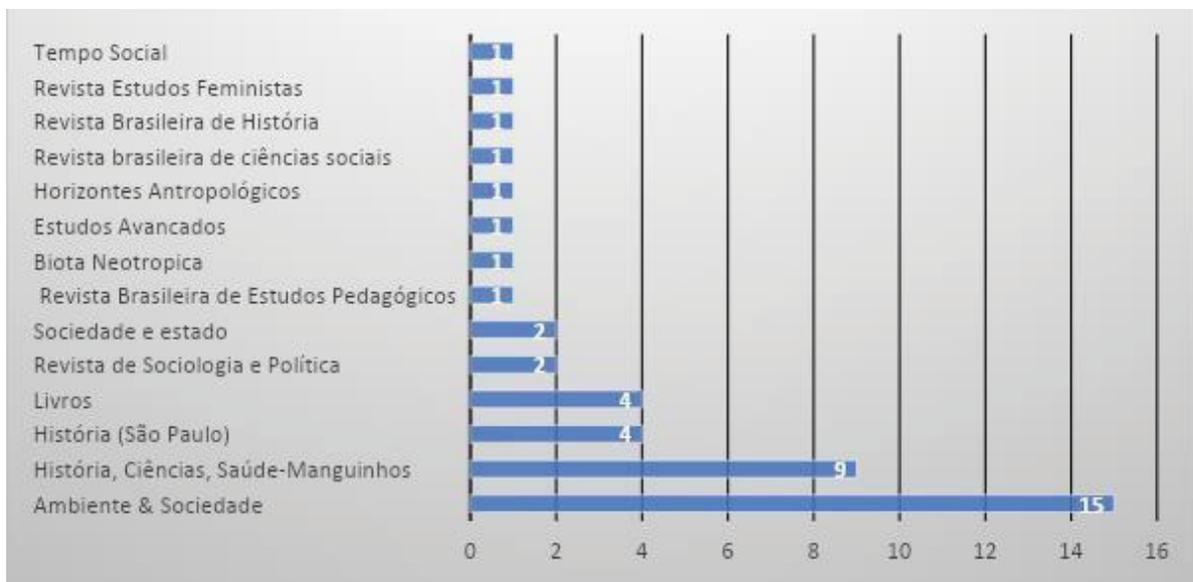
Dentre tais estudos, destacam-se dois autores, que são nomes de referência no âmbito da história ambiental, Donald Woster com um artigo que analisa a formação do campo da história ambiental, e, José Augusto Drummond com duas resenhas de livro, também relacionados a construção da história ambiental. Ambas as publicações foram indexadas na revista Ambiente e Sociedade. A maioria das pesquisas estão relacionadas ao Brasil de forma geral, representando 42,8% do total, e à região sudeste do Brasil, sendo 28,5% dos estudos.

Ainda foi percebido que a área de conhecimento que possui mais publicações dentro dos periódicos analisados é Ciências Ambientais que conta com 40% das

publicações, enquanto a História conta com 35% das obras. As demais 25% se encontram dispersas nas demais áreas de conhecimento. (Ver Gráficos 10 e 11).

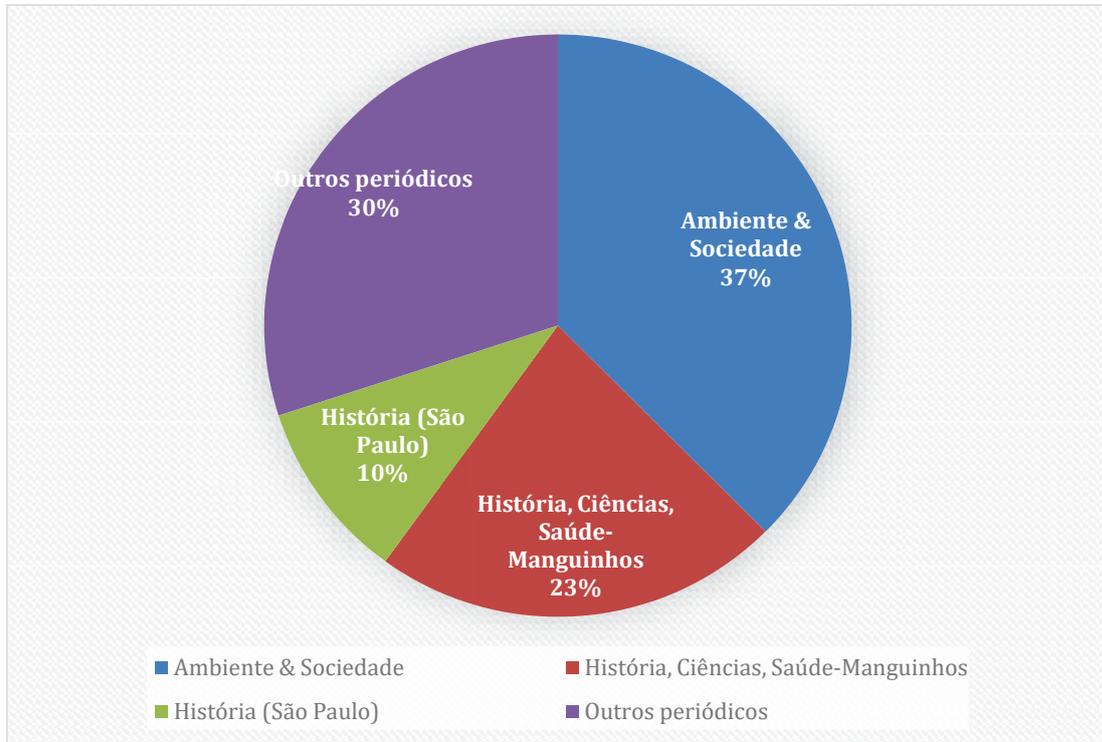
Ao analisar as pesquisas relacionadas às áreas de conhecimento História e Ciências Ambientais, percebe-se que 25% das pesquisas nestes dois campos de conhecimento, faz análise de obras já publicadas no campo da história ambiental. Curiosamente, apenas 10% realizaram pesquisa de campo. Pode-se apontar também que os artigos e resenhas, em sua maioria, realizam um resgate histórico e uma inspeção em arquivos públicos, para análise do campo da história ambiental.

Gráfico 8: Publicações de artigos, resenhas de livros indexados à base Scielo, relacionados à história ambiental, entre 1990 e 2019 por periódico.



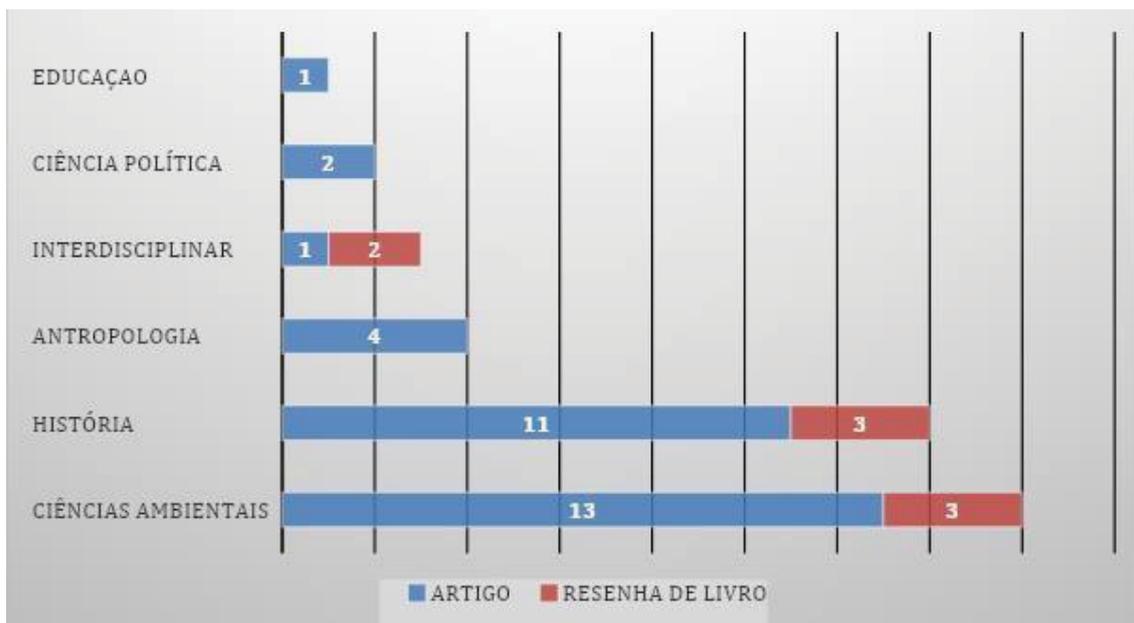
Fonte: Scielo CrossRef

Gráfico 9: Principais periódicos indexados à base Scielo com publicações de artigos e resenhas de livros, relacionados à história ambiental, entre 1990 e 2019



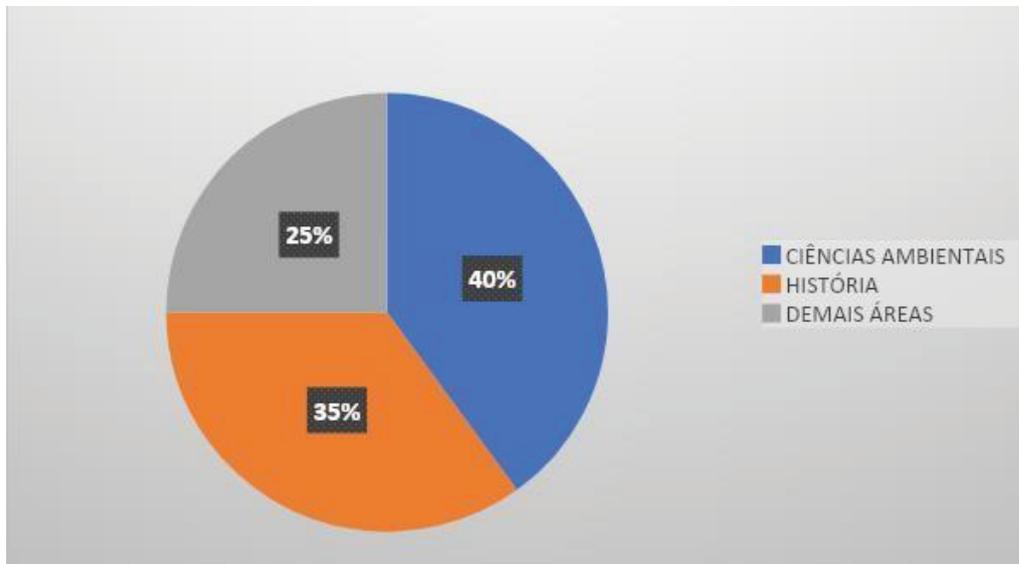
Fonte: Scielo CrossRef

Gráfico 10: Publicação de artigos e resenhas de livros, relacionados à história ambiental, por área de conhecimento do periódico.



Fonte: Scielo CrossRef

Gráfico 11: Participação percentual das áreas de publicação de artigos, resenhas de livros e livros, relacionados à história ambiental, indexados à base Scielo

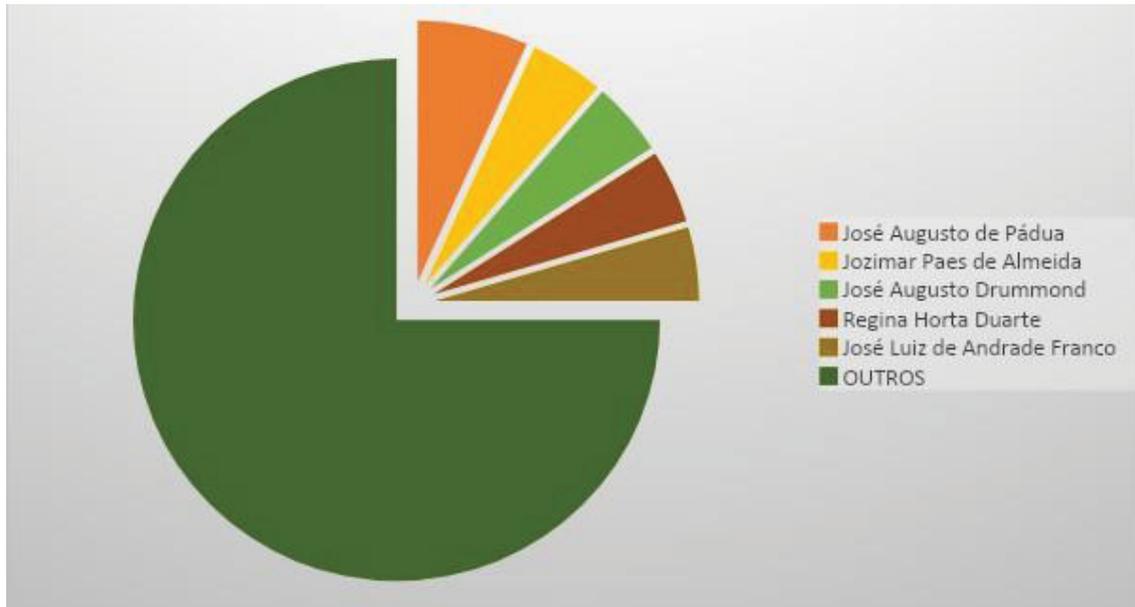


Fonte: Scielo CrossRef

Sobre a autoria, foram considerados neste estudo todos os autores citados, inclusive, quando o documento contava com vários autores. No geral, 25% das publicações são realizadas por cinco autores. Os resultados mostram que os principais autores relacionados as publicações de história ambiental são: José Augusto de Pádua, tendo uma participação de 7% nas obras publicadas; Regina Horta Duarte e José Luiz de Andrade Franco, com 5%; Jozimar Paes de Almeida e José Augusto Drummond, ambos com 4%. Os demais autores contabilizam juntos 75%, predominando uma publicação por autor. (Gráfico 12)

Em suas publicações, ambos os autores, abordam temas referentes a conservação da natureza, dentro de um processo de reconstrução histórica. Tal característica dialoga com o que se vê na base teórica da história ambiental, na qual busca-se reconstruir a história fazendo ligação do social com o ecológico, assim como proposto por Woster (1991).

Gráfico 12: Participação dos principais autores em publicações, relacionados à história ambiental, identificadas entre 1990 e 2019 na base Scielo para artigos, resenhas de livros e livros.



Fonte: Scielo CrossRef

3.3. Análise Unificada: bases BDTD e SCIELO CrossRef

Nesta seção serão apresentadas as análises bibliométricas e qualitativas referentes à base de dados unificada, que contempla as publicações das duas bases anteriormente apresentadas de forma isolada (BDTD e SCIELO). A análise será dividida em dois momentos a análise quantitativa e a qualitativa.

3.3.1 Análise Unificada Quantitativa

No que tange à análise quantitativa, o primeiro indicador a ser apresentado é o de produtividade, em sua contagem simples e a sua evolução ao longo do período analisado. Os indicadores posteriores, seus cruzamentos e análises carecem deste primeiro para que se tenha a devida clareza analítica.

O gráfico abaixo mostra a distribuição temporal das publicações, no período entre 1990 até 2019, porém, verifica-se que as produções iniciaram a partir de 1995.

Houve variação com relação ao número de obras produzidas no período analisado. Entretanto, o ano de 2013 apresentou um aumento de 111,11% se comparado aos anos de produções elevadas. (Ver Gráfico 13)

A partir de 1972 até 2015, a ONU organizou algumas conferências mundiais, que contaram com a participação de centenas de países, com o propósito de discutir temas voltados à problemática ambiental, desenvolvimento econômico e social, além de buscar alternativas para o enfrentamento dos problemas vivenciados pela humanidade. No ano de 1992, o Brasil foi sede de uma dessas conferências do meio ambiente, que ficou conhecida como Rio 92 ou Eco 92. Esta conferência aconteceu em junho de 1992, 20 anos após Estocolmo, organizada pela ONU, na cidade do Rio de Janeiro. A Conferência foi convocada pela Resolução 44/228 de 22 de dezembro de 1989 da Assembleia Geral das Nações Unidas.

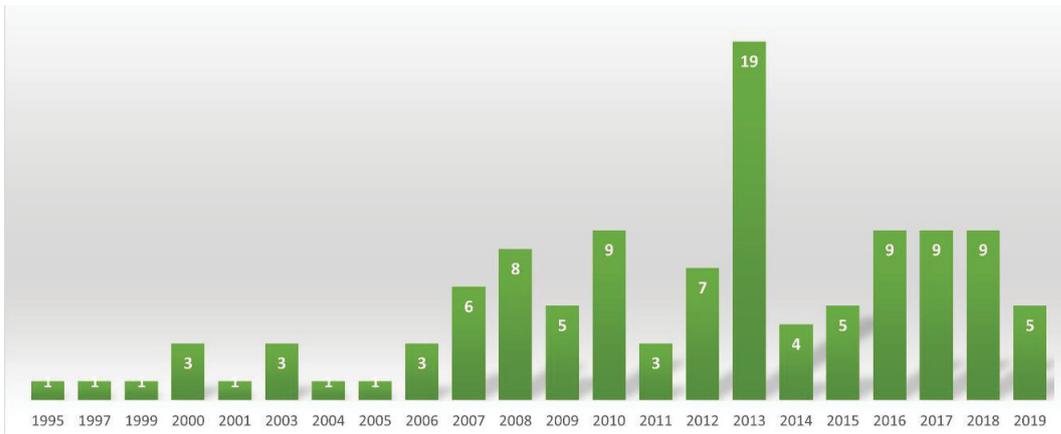
A Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CNUMAD), conhecida como Rio-92 ou ECO-92, foi realizada na cidade do Rio de Janeiro entre os dias 3 e 14 de junho de 1992. A proposta para a sua realização havia sido aprovada por uma resolução na reunião da Assembleia-Geral da ONU em 198843, ocasião em que o Brasil ofereceu-se para sediá-la. (FERRARI, 2014 p.92)

Tomando este percurso histórico relacionado à preocupação ambiental, nota-se pelos dados expostos no Gráfico 13, que foi exatamente em 1995 que ocorreu o início das produções em história ambiental, levando em consideração que a produção de uma tese leva 4 anos, o início dos trabalhos foi desencadeado entre 1992 e 1993, ano em que ocorreu, e o que sucedeu à Rio 92.

Outro salto que o gráfico 13 apresenta está no ano de 2013, como já citado anteriormente, o que indica ser reflexo da conferência do meio ambiente denominada Rio+20. A conferência foi convocada no dia 31 de março de 2010 através da Resolução 64/236, o que potencialmente explica o aumento de produções no período de 2010 em diante.

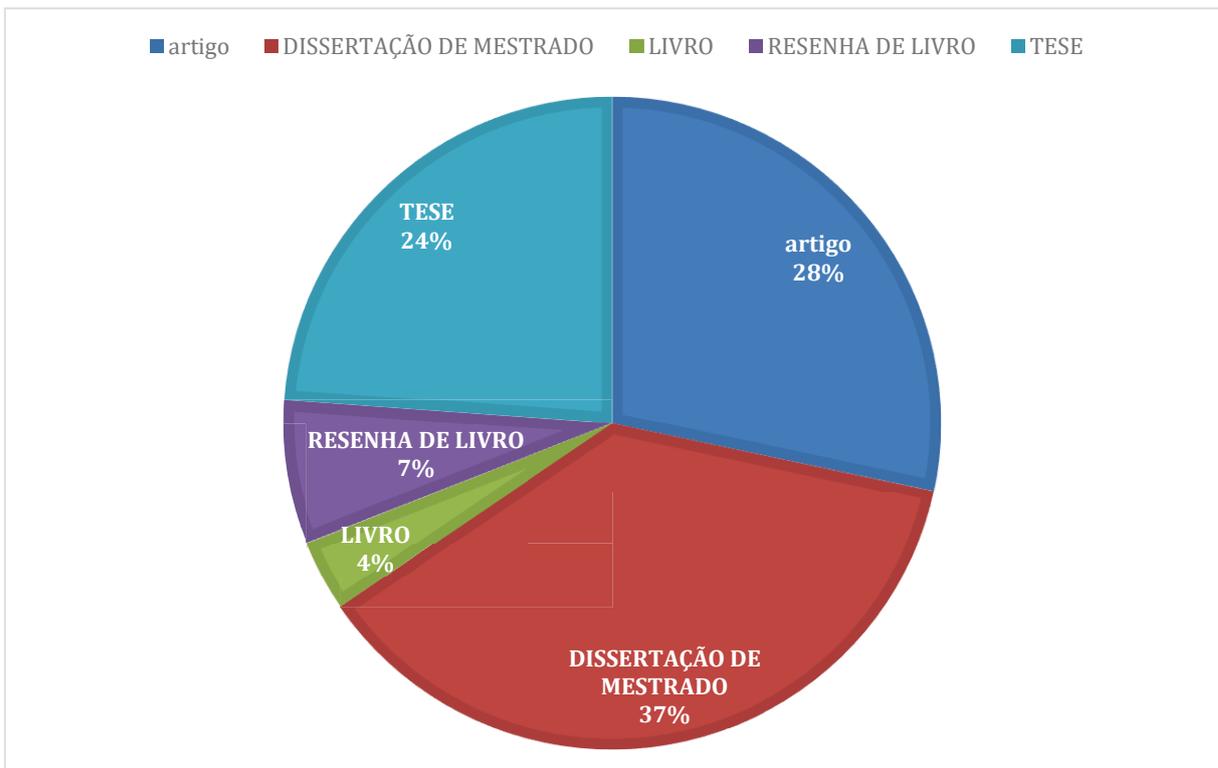
A Conferência Rio+20 foi convocada na Sexagésima Quarta Sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas, realizada em 31 de março de 2010 – Resolução 64/236, a partir do relatório do Segundo Comitê, com ênfase na Implantação da Agenda 21, do Programa para o Prosseguimento da Implementação da Agenda 21 e dos resultados da Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável (FERRARI, p. 151, 2014)

Gráfico 13: Volume de publicações relacionadas à história ambiental no Brasil entre 1990 e 2019.



Fonte: <https://bdtd.ibict.br/vufind/Search/Advanced>; https://www-periodicos-capes.gov.br.ez22.periodicos.capes.gov.br/?option=com_pmetabusca&mn=88&smn=88&type=m&metalib=aHR0cHM6Ly9ybnAtcHJpbW8uaG9zdGVkLmV4bGlicmlzZ3JvdXAuY29tL3ByaW1vX2xpYnJhcnkvbGlid2ViL2FjdGlvbi9zZWYyZGUZG8/JnZpZD1DQVBFU19WMSZtb2RlPUFkdmFuY2Vk

Gráfico 14: Distribuição das publicações relacionadas à história ambiental entre 1990 e 2019.



Fonte: <https://bdtd.ibict.br/vufind/Search/Advanced>; https://www-periodicos-capes.gov.br.ez22.periodicos.capes.gov.br/?option=com_pmetabusca&mn=88&smn=88&type=m&metalib=aHR0cHM6Ly9ybnAtcHJpbW8uaG9zdGVkLmV4bGlicmlzZ3JvdXAuY29tL3ByaW1vX2xpYnJhcnkvbGlid2ViL2FjdGlvbi9zZWYyZGUZG8/JnZpZD1DQVBFU19WMSZtb2RlPUFkdmFuY2Vk

No Gráfico 14 pode-se encontrar a distribuição das publicações, relacionadas à história ambiental, divididas por tipo de produção. Os resultados mostram que a distribuição está concentrada nas universidades através da publicação de teses, dissertações e artigos. Essa afirmação se comprova com o gráfico acima que apresenta 37% das publicações sendo de dissertações de mestrado, 28% sendo de teses de doutorado e 28% sendo de artigos.

Numa análise por área de conhecimento, observa-se que a História detém o maior número de publicações, representando 41,3% do total, todavia, a área de Ciências Ambientais vem logo em seguida com 32,1%. O restante das obras está diluído em diversas áreas do conhecimento. Sendo assim, pode-se afirmar que a matriz principal dos campos de conhecimento é as Ciências Humanas. Os resultados, também mostram, que a história ambiental é um campo de estudo interdisciplinar.

3.3.2 Análise unificada: qualitativa

Ao focar os resultados da análise qualitativa, pode-se observar que alguns conceitos têm ocorrência maior que outros. Para realização desta etapa da pesquisa, foram utilizados os princípios sugeridos por Drummond.

Os 5 princípios sugeridos por Drummond foram divididos em 6 categorias de análise, são elas: 1) região pesquisada, 2) Recorte cultural – relacionado as particularidades físicas ou ecológicas. 3) Recorte político – relacionado às particularidades físicas ou ecológicas. 4) Abordagem socioeconômica (recursos úteis e sua apropriação). 5) Utilização de fontes escritas e não escritas. 6) Realização de pesquisa de campo.

As análises foram divididas por teses, dissertações e artigos, por possuírem o maior número de publicações. Correlacionado com o resultado das análises quantitativas, optou-se por realizar a verificação qualitativa dos trabalhos relacionados as áreas de conhecimento “História” e “Ciências Ambientais”, que são aquelas que apresentaram um número significativamente mais expressivo de publicações.

3.3.2.1 Teses

Ao analisar as teses relacionadas a área de conhecimento História, observa-se que as publicações tiveram início no ano de 2006, tendo um espaço de quatro anos, entre 2007 e 2012, sem publicações relacionadas a História Ambiental. Em sua maioria, as pesquisas referentes a região estão relacionadas ao Sudeste, o que representa 33,33% das obras.

Com relação às fontes históricas utilizadas, a maioria dos estudos se utiliza de jornais, periódicos e relatórios de governo. Alguns estudos utilizam a história oral, através da entrevista. Uma das teses, publicada em 2017 está ligado a estratégias de mobilização social para proteção ambiental, o que é consonante com a agenda da Rio +20, levando em consideração que uma tese leva quatro anos para ser concluída.

É importante considerar que somente 33,33% dos estudos cumprem com todas as 5 características propostas por Drummond, consideradas como referência para a análise qualitativa. Além disso, 44% deles realizaram trabalho de campo, esta categoria é considerada importante por Drummond, pois é através dela que se pode comparar o estudo teórico com as mudanças da paisagem.

Ao jogar luzes sobre as teses da área de conhecimento Ciências Sociais, nota-se que a maioria das pesquisas está voltada para a região Norte. A distribuição, no espaço tempo, está mais centralizada entre os anos de 2016 e 2019, antes disso, duas publicações são do ano de 2013.

Quando realizada análise de conteúdo observa-se que as pesquisas estão voltadas para as questões ambientais como clima global, legibilidade ambiental, patrimônio natural (criação do parque Araguaia) e questões relacionadas aos povos indígenas. Deve-se destacar que todas estas questões fazem parte da agenda da maior parte das conferências ambientais. Frise-se, todavia, que essas produções foram publicadas após 2016, o que indica conexão à conferência de meio ambiente Rio +20, levando em consideração que a conferência buscou debater questões sociais e questões relacionadas aos povos indígenas.

No que diz respeito às categorias propostas por Drummond somente 37,5% das teses de Ciências Sociais preenchem as 5 características. Na categoria referente às fontes, nota-se que jornais, periódicos, relatórios de governo e censos, são as mais utilizadas.

As pesquisas vinculadas às Ciências sociais, que realizaram trabalho de campo se apropriaram da história oral, realizando entrevistas. Ainda, com relação ao trabalho de campo neste grupo de teses, 50% cumpriram este requisito, considerado como categoria essencial por Drumond (1992). Destaca-se que se trata de uma ênfase mais importante do que a observada nas pesquisas de doutorado da área de História que tematizaram história ambiental.

3.3.2.2 Dissertações

Ao analisar as dissertações sobre a história ambiental por área de conhecimento, nota-se que aquelas vinculadas à História apresentam pesquisas em todas as regiões do Brasil. Mas, é na região Sudeste que se encontra a maior concentração de trabalhos, representando 41% da produção nesta área de conhecimento.

A distribuição no tempo está bem pulverizada, num geral foram publicados de um a dois trabalhos por ano, a partir de 2007, porém existem exceções que são os casos dos anos 2013 (com quatro produções), 2015 e 2017 (com três cada). Em relação à categoria trabalho de campo, as informações explicitam que 68% das dissertações produzidas na área de História realizam de alguma forma pesquisa de campo. O que se mostrou significativamente superior ao verificado nas pesquisas de doutorado.

As dissertações na área das Ciências Ambientais, por sua vez, apresentam 41,6% das pesquisas relacionadas a região sul, das quais 50% estão relacionadas a estudos que envolvem a população indígena. Deve-se frisar, mais uma vez, que este foi um dos temas da agenda da conferência Rio+20. Outro tema amplamente abordado é o de patrimônio ambiental, apresentando análises referentes aos Parques Nacionais.

Já no quesito fontes utilizadas, notou-se preferência por pesquisas bibliográficas, outra fonte predominante é a análise documental. Entretanto, verificou-se também que os pesquisadores da área de Ciências Ambientais utilizaram-se de registros iconográficos, análise arqueológica e documentos públicos.

3.3.2.3 Artigos

Os artigos relacionados com a área de conhecimento História, apresentam 50% das produções voltadas para o Brasil de maneira geral. As temáticas estão predominantemente ligadas com preocupações relativas à preservação ambiental. Nestas pesquisas, observa-se que, em sua maioria, não foram adotadas as características consideradas típicas ou ideias de uma investigação científica em história ambiental, conforme havia apontado Drummond em seu estudo de referência sobre a questão. Ratifica esta afirmativa o fato de que apenas 21,4% delas terem cumprido o proposto para estudos nesta área.

Nas Ciências ambientais é notável que 37,5% das publicações estão ligadas a Mata Atlântica, o que já aparecia explícito pela frequência de termos destacados na nuvem de palavras da Figura 3. Com relação às categorias de Drummond, surpreendentemente, apenas 1 artigo corresponde às 5 categorias sugeridas. As fontes utilizadas aqui, em sua maioria, são levantamentos bibliográficos, revisões historiográficas, pesquisa arquivística e análise de documentos oficiais.

APONTAMENTOS FINAIS

Esta pesquisa buscou compreender de que forma a história ambiental, como uma proposição interdisciplinar, tem sido apropriada pela produção da comunidade científica brasileira. Complementares com o objetivo geral, buscou-se: a) analisar em que medida a área de História (Ciências Humanas) tem capitaneado a produção em história ambiental no Brasil, bem como que outras áreas da ciência estão adotando o conceito e a proposição metodológica de investigação; b) compreender, em abordagem longitudinal, desde a década de 1990, as perspectivas adotadas pelas pesquisas relativas a história ambiental no Brasil em termos de foco, recorte temático, utilização de fontes e estratégias de coleta de dados; c) avaliar em que medida as produções científicas brasileiras estão correlacionadas às grandes questões que emergem das Conferências internacionais do meio ambiente que ocorreram no interregno analisado.

Ao analisar e interpretar os resultados de pesquisa, apresentados sob forma de gráficos, tabelas, nuvens de palavras e quadros de síntese, observou-se a predominância de publicações ligadas à área de conhecimento da História, revelando, neste aspecto, que esta área é aquela que mais tem capitaneado publicações para o campo de estudos da história ambiental. Em seguida, explicita-se que as Ciências Ambientais também assumem protagonismo no tema, ao apresentar um número significativo de produções.

Ainda de acordo com os resultados apurados, pode-se inferir que a história ambiental é um tema que desperta interesse em campos distintos do saber, o que permite evidenciar que se trata de uma área interdisciplinar, que tem contribuído para a construção de novos conhecimentos. Mesmo que a predominância de produção científica ainda esteja concentrada, de outro lado, observa-se que um conjunto significativo e disperso de áreas de conhecimento apresentam resultados, considerados todos os tipos de produção analisados.

No que diz respeito à análise referente às regiões mais pesquisadas, se mostrou predominante, 30% dos estudos, pesquisas sem uma região específica no Brasil, essas produções estão ligadas a compreensão do campo de estudos da história ambiental, seguidas daquelas que direcionam as investigações para a região sudeste do país, representando 23,9% dos estudos.

As fontes utilizadas pelos pesquisadores de história ambiental são de forma predominante as do tipo documental, tais como jornais, periódicos e relatórios de governo. O que corrobora com a quarta característica proposta por Drummond, a variedade de fontes apropriadas para o estudo das relações entre sociedade e ambiente. Aqueles pesquisadores que utilizaram o trabalho de campo, por sua vez, predominantemente lançaram mão da história oral, através da entrevista, validando a quinta característica proposta por Drummond. É através desta análise que o pesquisador pode identificar a dimensão das consequências das explorações humanas.

Os resultados ainda tornam possível inferir que as conferências ambientais estão fortemente relacionadas à ascensão da história ambiental como um campo da produção de conhecimento. É possível confirmar esta afirmação através dos indicadores bibliométricos que demonstraram um aumento considerável no número de produções sobre história ambiental no ano de 2013. Em 2012, as bases de dados apresentavam 2 artigos, 2 teses e 3 dissertações, e em 2013, as bases apresentaram 5 artigos, 4 teses e 10 dissertações. Estes trabalhos abordaram temas ligados a políticas públicas de conservação ambiental e movimentos sociais para tal prática.

Ao analisar a distribuição dos trabalhos por autores, com exceção de José Augusto de Pádua que possui 3 produções entre o período pesquisado, Regina Horta Duarte e José Augusto Drummond, cada um com duas publicações, pode-se perceber como as produções encontram-se pulverizadas dando o caráter de novidade à história ambiental. Em outras palavras, ela representa um espaço do conhecimento que está sendo desenvolvido e explorado sob diversas vertentes teóricas. Além disso, evidencia-se que a história ambiental tem sido tema de pesquisa nas universidades brasileiras, o programa de pós-graduação da UNB foi o mais proeminente nas pesquisas sobre o tema, contribuindo para o crescimento desta área de conhecimento. No que se refere às características identificadas por Drummond(1991), no início da década de 1990, surpreendentemente, apenas 11,5% dos trabalhos científicos que se associam ao conceito de história ambiental, cumprem com as cinco medidas propostas por ele.

Chegando ao final da pesquisa faz-se necessário primeiramente refletir sobre alguns pontos importantes que surgiram no decorrer do trabalho. O primeiro deles diz respeito à coleta de dados que por diversas vezes precisou ser interrompida ou

modificada devido à imprecisão das informações fornecidas. Tal barreira, todavia, reforça a necessidade de uma estratégia muito bem delimitada para escolha das bases de dados e dos procedimentos de coleta e análise. Outro ponto a ser levado em conta é a questão das imprecisões no que tange à classificação por área de conhecimento e suas divisões dentro dos programas de pós-graduação.

Destaca-se a importância do estudo da História Ambiental como uma disciplina curricular interdisciplinar, uma vez que ela permite a reconstituição das dinâmicas da interação Homem-Natureza, mas também, permite o estudo das aceleradas dinâmicas de transformação ambiental das últimas décadas, além de incorporar e articular contribuições de diversas áreas de conhecimento tanto no âmbito das ciências humanas e sociais, como nas ciências físicas e naturais. Para isso, sugere-se a formação de professores na área ambiental, contribuindo para que a temática seja trabalhada em sala de aula.

Por fim, vale ressaltar a importância desse tipo de abordagem de pesquisa, pois, através dele é possível compreender de forma mais ampla o atual estágio de desenvolvimento de um campo científico e dessa forma direcionar de forma mais eficiente os esforços para amadurecimento e consolidação dos temas. A pesquisa abre perspectivas para diversas análises, de forma que se possa identificar mais indicadores com a possibilidade de explorar outros caminhos da pesquisa em história ambiental. Nesse sentido, espera-se que os dados apresentados por meio desta pesquisa, possam servir de base para futuras discussões sobre o tema, permitindo aprofundar diversos temas.

REFERÊNCIAS

BERNARDINO; CAVALCANTE; Maria Cleide Rodrigues, Raphael da Silva. **Análise de citações dos artigos da revista Ciência da Informação no Período de 200-2009**. Em Questão, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 253-269, jan./jun. 2011

BEZERRA, Juliana. **Milagre econômico**. Artigo publicado em 2-/09/2019. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/milagre-economico>. Acesso em 03/09/2020.

CHATIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. DIFEL, 2002.

COLACIOS, Roger Domenech. **Os meios ambientes da história ambiental brasileira: pela abertura da caixa-preta**. v. 22, n. 2, p. 6–22, mai./ago. 2017

CORRÊA, Dora Shellard. **Descrição da paisagem no trabalho historiográfico**. Diálogos entre Capistrano de Abreu e Sérgio Buarque de Holanda. Maquinações, v. 1, n. 1, p. 10-11, 2007.

COSTA; LOPES; AMANTE; LOPES; Teresa, Silvia, Maria João, Pedro Faria. **A Bibliometria e a avaliação da produção científica: indicadores e ferramentas**. Integração, Acesso e Valor Social, Lisboa, 2012.

DEAN, Warren. **A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DRUMMOND, José Augusto. **A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa**. Estudos Históricos, v. 4, n. 8, p. 177-197, 1991.

FERRARI, Alexandre Harlei De Estocolmo, **1972 a Rio+20, 2012: o discurso ambiental e as orientações para a educação ambiental nas recomendações internacionais**, 2014.

FONSECA, Alberto de Freitas Castro. **Controle e uso da água na Ouro Preto dos séculos XVIII e XIX**. 2004. Disponível em. Acesso em 22/09/2019.

FRANCO, José Luiz de Andrade. **A história ambiental no Brasil e os seus clássicos**. 2003. Disponível em <https://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em 07/09/2020.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GUEDES, Vânia L.S.; BORSCHIVER, Suzana. **Bibliometria: uma ferramenta estatística para a gestão da informação e do conhecimento, em sistemas de informação, de comunicação e de avaliação científica e tecnológica**. In: CIENFORM – Encontro Nacional de Ciências da Informação, 6., 2005, Salvador. Salvador: ICI/UFBA, 2005. Disponível em http://www.cinform-antteriores.ufba.br/vi_anais/docs/VaniaLSGuedes.pdf> acesso em 18 de agosto de 2019.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos metodologia científica**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MARTINEZ, Paulo Henrique. **História Ambiental no Brasil: pesquisa e ensino**. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **História ambiental: um olhar prospectivo**. Cad. Pesq. Cdhis, Uberlândia, v.24, n.1, jan./jun. 2011.

MORAES, R.. Análise de conteúdo. IN: **Revista de Educação**. Porto Alegre, V.22, n.37, 1999, p.7-32.

MORAES, R. Análise de Conteúdo: limites e possibilidades. In: ENGERS, M.E.A. (Org). **Paradigmas e metodologias de pesquisa em educação**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1994.

ONU (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS . Declaração de Estocolmo sobre o Meio Ambiente Humano. In: Anais Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano. Estocolmo, 6p., 1972

OLIVEIRA, João Rafael Moraes de. **História Ambiental no Brasil: O percurso historiográfico de Warren Dean**. 2013. Disponível em https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103152/oliveira_jrm_dr_assis.pdf . Acesso em 07/09/2020.

_____. **O percurso historiográfico de Warren Dean, o ambientalismo e a ditadura brasileira**. In: Anais eletrônicos do XXII Encontro Estadual de História da ANPUH-SP Santos, 2014.

ORNELAS, Jeferson Rodrigues. **Hebreus uma perspectiva histórica do “povo de deus”**. 2006. Disponível em <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/19150/1/HebreusPerspectivaHistorica.pdf>. Acesso em 07/09/2020.

PÁDUA, J. A. *Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista, 1786-1888*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. **As bases teóricas da história ambiental**. Estudos Avançados, vol. 24 no.68, São Paulo, 2010.

PIMENTA, Alcineide Aguiar, PORTELA, Antonia Rosemeire Moraes Ribeiro; OLIVEIRA, Cleiciane Barros de e RIBEIRO, Rogeane Moraes. **A bibliometria nas pesquisas acadêmicas**. Disponível em [https://flucianofejiao.com.br/novo/wp-content/uploads/2017/12/EDUCAR PARA A CIDADANIA FINANCEIRA.pdf](https://flucianofejiao.com.br/novo/wp-content/uploads/2017/12/EDUCAR_PARA_A_CIDADANIA_FINANCEIRA.pdf). Acesso em outubro de 2020.

POTT, Crisla Maciel e ESTRELA, Carina Costa. **Histórico ambiental: desastres ambientais e o despertar de um novo pensamento**. 2017. Disponível em

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142017000100271 .
Acesso em outubro de 2020.

ROSSATO, Cecília Zanon e CARDOSO, Waleska Mendes. **Conferências mundiais sobre o direito ambiental**. Anais da Semana Acadêmica Fadisma entrementes, ed. 11, 2014.

TRIVIÑOS, Augusto N. Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

WOOD, Ellen Meiksins. **A origem do capitalismo**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

WORSTER, Donald. **Rivers of Empire: water, aridity, and the growth of the American West**. New York: Oxford University Press, 1985.

_____. **Para fazer História Ambiental**. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 04, n. 08, p. 198-215, 1991. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ci/v33n2/a13v33n2>. Acesso: 15/10/2019

_____. **Dust Bowl: the southern plains in the 1930s**. New York: Oxford University Press, 2004.